



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**LETÍCIA OLIVEIRA QUEIROZ**

**CRIANÇAS COM AUTISMO NA ESCOLA FUNDAMENTAL: DIMENSÕES  
QUE POSSIBILITAM UMA LÓGICA DE PERTENCIMENTO**

**BRASÍLIA**  
**2014**

**LETÍCIA OLIVEIRA QUEIROZ**

**CRIANÇAS COM AUTISMO NA ESCOLA: DIMENSÕES QUE  
POSSIBILITAM UMA LÓGICA DE PERTENCIMENTO**

**Comissão examinadora:**

**Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues (orientadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues (membro)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Profa. Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza (membro)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

**Brasília, 2014**

QUEIROZ, Letícia Oliveira

**A CRIANÇA COM AUTISMO NA ESCOLA: DIMENSÕES QUE  
POSSIBILITAM UMA LÓGICA DE PERTENCIMENTO/  
Letícia Oliveira Queiroz: Brasília: UnB. 2014.**

Trabalho conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) –  
Universidade de Brasília, 2014. p.90.

Orientadora: Fátima Lucília Vidal Rodrigues

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**LETÍCIA OLIVEIRA QUEIROZ**

**A CRIANÇA COM AUTISMO NA ESCOLA: DIMENSÕES QUE  
POSSIBILITAM UMA LÓGICA DE PERTENCIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a  
avaliação da Comissão Examinadora constituída por:

---

**Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues**  
**Orientadora**

---

**Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues**  
**Membro Titular – UnB/FE**

---

**Profa. Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza**  
**Membro Titular – UnB/FE**

**Brasília, 2014**

*Dedico esse trabalho a minha mãe, meu pai e meu irmão, que sempre estiveram ao meu lado e nunca me deixaram desistir. Aos meus familiares e amigos que sempre acreditaram na minha capacidade e sempre torceram pela minha felicidade. E ao João Pedro.*

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, depois a minha mãe e ao meu pai pela força, incentivo e como sempre foi meu exemplo a ser seguido de determinação. Ao meu irmão Michel, por acreditar em mim e por sempre estar ao meu lado. Aos meus avós, tios e primos que sempre torceram pela minha felicidade.

Aos meus amigos de longa data Jessica Tayane, Glaucia Carvalho, Matheus Opa, Isadora Leonel, Natânia Sabath, Bárbara Sartori, Thalita Luzia, Lilian Andrade que sempre estiveram ao meu lado torcendo por mim, rindo, chorando, me apoiando em todos os momentos, principalmente agora.

As amigadas que fiz na UnB, as quais desejo que durem para o resto da vida Marcela Simões, Meissa Mendes, Cristiane Klusser, Karina Panizza, Vanessa.

Por minhas amigas de PIBID por sempre compartilharem dos meus desejos, sonhos e amor pela nossa profissão Elisabeth Niman, Paola Campolina, Sabrina Cezario, Andreia, Joice, Clara Martinho e pela minha supervisora Marília Mourão por toda a dedicação, carinho e aprendizagem. Ao Pedro Afonso que me fez acreditar em mim mesma e me impulsionou a entrar no PIBID.

Pelas maravilhosas professoras que tive o prazer de conhecer na Universidade de Brasília: Maria Emília, Solange Oliveira, Silmara Dorneles, Viviane Legnani, Alexandra Rodrigues, Cristina Leite, Maria Fernanda Cavaton. A minha amada orientadora Fátima Rodrigues que tenho um carinho imensurável e que me acompanhou durante muito tempo na Universidade e está comigo nesse momento, sei que não poderia ter escolhido uma orientadora melhor, agradeço pelo carinho, dedicação e exemplo a ser seguido.

Pelo carinho e apoio recebido de Luana Leite, Vinicius Vieira e Guilherme Oliveira. Por todo o semestre de troca de contribuições na elaboração desse trabalho à turma de Seminário Final de curso da professora Catia Piccolo que com sua experiência e profunda sabedoria esteve no meu lado no começo do curso e no final.

E a todas as pessoas que tive contato nesses quatro anos e meio que muito acrescentaram à minha formação. A todas as crianças e principalmente, as crianças com autismo que me ensinaram a ser uma professora melhor. Meu carinho especial a Valéria e a toda a sua família que acreditaram no meu trabalho, ao João Pedro que com seu sorriso e olhar me fez amar e ter certeza de ter escolhido a profissão certa.

*“Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.”*

*Cora Coralina*

QUEIROZ, Letícia Oliveira. Crianças com autismo na Escola Fundamental: Dimensões que possibilitam uma lógica de pertencimento. Trabalho Final de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2014, p.90.

## **RESUMO**

Esse trabalho aborda a questão da criança com autismo na escola. O objetivo geral desta pesquisa foi analisar quais as dimensões que possibilitam a ratificação da lógica de pertencimento de crianças com autismo na escola fundamental. Como referências teóricas foram utilizados documentos nacionais sobre a inclusão e o conceito de autismo tendo como base autores como Leo Kanner, Alfredo Jerusalinsky, Paulo Freire, Fátima Rodrigues, dentre outros. A pesquisa se desenvolve a partir de uma abordagem qualitativa com entrevistas semiestruturadas, complementação de frases e observações com professores, orientadores e monitores de uma escola pública de ensino fundamental. Os resultados apontam que a escola precisa de mudanças para que esse aluno sintá-se pertencente a esse ambiente e aponta a importância de práticas mais inovadoras, as quais possibilitem a esse aluno uma escola que, acima de tudo, reconheça-o como um sujeito.

**Palavras- chave:** autismo, pertencimento, práticas inovadoras.



QUEIROZ, Letícia Oliveira. Children with autism at Secondary School: Dimensions that allow a logic of belonging. Final Major Project (Graduation in Pedagogy). University of Brasília, Education Studies School, 2014, p.90.

## **ABSTRACT**

This work's approach is to analyze the matter of the autistic child at school. The main goal of this research was assay which dimensions allow the ratification of the belonging feeling of those children in secondary school. As theoretical references, national documents about inclusion and concepts on autism were used, all based on authors like Leo Kanner, Alfredo Jerusalinsky, Paulo Freire, Fátima Rodrigues and others. The research is developed by a qualitative approach with semi structured interviews, sentences complementation and watching teachers and monitors of a public secondary school. The outcomes show that this institution lacks changes in a way that the student can feel the sense of belonging to this environment and also points out the importance of more innovative practices, which gives to this pupil a school that recognizes him/her as an individual above all.

**Keywords:** autism, belonging, innovative practices.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTO</b> .....	<b>6</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>8</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>9</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>PARTE I</b> .....	<b>12</b>
<b>MEMORIAL</b> .....	<b>13</b>
<b>PARTE II</b> .....	<b>19</b>
<b>TRABALHO MONOGRÁFICO</b> .....	<b>20</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 01- INCLUSÃO NO BRASIL- UMA PERSPECTIVA DE PERTENCIMENTO À ESCOLA</b> .....	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO 2 - AUTISMO</b> .....	<b>29</b>
2.1. CONCEITO DE AUTISMO .....	29
2.2. DISPOSITIVOS LEGAIS PARA GARANTIA DOS DIREITOS DE PESSOAS COM AUTISMO .....	31
2.3. PERSPECTIVAS DIAGNÓSTICAS DO AUTISMO .....	32
2.4. PSICANÁLISE E AUTISMO .....	34
<b>CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA</b> .....	<b>38</b>
3.1. O CONTEXTO DA ESCOLA .....	39
3.2. OS SUJEITOS E AS TURMAS .....	40
<b>CAPÍTULO 4- DISCUSSÃO DE VIVÊNCIAS</b> .....	<b>43</b>
4.1. A CHEGADA DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA ESCOLA .....	43
4.1.1. <i>Estrutura da escola</i> .....	43
4.1.2. <i>Quem vem primeiro: o sujeito ou o autismo?</i> .....	44
4.1.3. <i>Necessidade de práticas inovadoras</i> .....	45
4.2. O TRABALHO PEDAGÓGICO COM CRIANÇAS COM AUTISMO .....	47
4.2.1. <i>Tempos diferenciados</i> .....	47
4.2.2. <i>Práticas com monitores</i> .....	48
4.2.3. <i>A escola para crianças com autismo</i> .....	50
4.2.4. <i>A interdisciplina</i> .....	51
4.2.5. <i>O protagonismo Infantil</i> .....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>54</b>
<b>PARTE III</b> .....	<b>55</b>
<b>PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS</b> .....	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>57</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>60</b>

## **APRESENTAÇÃO**

O presente trabalho de conclusão de curso em Pedagogia foi realizado no 2º semestre de 2014, partir de reflexões e vivências pedagógicas ao longo da minha graduação, especialmente, nos estágios curriculares.

Na primeira parte do trabalho encontra-se o memorial. Nele consta parte de minha trajetória acadêmica e as razões da escolha desse tema de pesquisa. A segunda parte apresenta a monografia. Ela, por sua vez, dividi-se em introdução, quatro capítulos de discussão e análise além das considerações finais. O capítulo um apresenta um breve contexto histórico da educação especial no Brasil, introduz o sujeito com autismo nesse contexto e cita a opinião da autora sobre o atual contexto da inclusão no Brasil. O capítulo dois traz uma breve contextualização sobre o que é o autismo e o autismo a partir da psicanálise. O capítulo três traz a metodologia utilizada nesta pesquisa: seu contexto, os participantes, os instrumentos utilizados e os procedimentos usados para se desenvolver a pesquisa. O capítulo quatro é a análise dos fragmentos obtidos durante a pesquisa, relacionando-os às discussões teóricas e, por fim, as considerações. Na terceira parte do trabalho apresenta as minhas perspectivas profissionais.

## **PARTE I**

## MEMORIAL

*“Não me pergunte quem sou e não me diga para ser o mesmo”.*  
*Michel Foucault.*

Sou a filha mais nova e tenho apenas um irmão que é dois anos mais velho. Nasci em Uberaba- MG, cidade que mora a maioria da minha família. Morei lá até meus 7 anos. Por ser a filha mais nova meu pai sempre me chamou de “fizinha do papai” e meu irmão sempre cuidou muito de mim. Como moramos por muito tempo longe do restante da família, meu pai e minha mãe sempre prezavam a nossa união.

Comecei a estudar quando tinha 5 anos. Estudava na Escola Municipal Pequeno Príncipe, lá fiz o Pré I e o Pré II. Duas coisas que me recordo era a vontade de ter o cabelo igual ao das minhas professoras. Durante o Pré I a minha professora tinha os cabelos lisos e eu sonhava em crescer e ter os cabelos como os dela e no meu segundo ano na escola, minha professora tinha os cabelos bem cacheados e eu queria ter os cabelos como os delas. Quando penso nesse momento percebo como as professoras tem papel importante na vida das crianças, que até os meus cabelos deveriam ser iguais aos delas.

Quando fui para a 1ª série (novo 2º ano) comecei a estudar na Escola Estadual América lá era onde minha madrinha trabalhava e era bem maior que minha antiga escola. Levei um susto com tantas pessoas e com o tamanho daquele local. Nos primeiros dias que tínhamos que fazer uma fila para ir para o recreio tinha vontade de chorar porque nunca conseguia comprar meu lanche e comer até o fim do intervalo, chegava atrasada na fila e recebia uma bronca da professora. Nessa época tínhamos uma pasta que constava folhas com palavras com as letras do alfabeto. Todos os dias, tínhamos que treinar a leitura junto com os pais e pedir a assinatura. Teve um dia que minha mãe esqueceu-se de assinar e falsifiquei o nome dela com medo do que poderia acontecer. Em frente à sala sentada em uma cadeira de costas para os colegas, com as mãos suando e cara a cara com aquela mulher que me passava tanto medo, a nossa professora, segurando fichas nas mãos precisávamos ler o mais rápido possível porque tudo estava sendo cronometrado e sempre tinha alguém que lia mais rápido, que tinha estudado mais, que sabia mais e eu ficava frustrada por não conseguir ser tão rápida com tanta pressão.

Nesse ano não concluí o ano nessa escola, meu pai estava desempregado e arrumou um trabalho em Unaí- MG. Como era muito pequena, não sofri tanto com a

mudança de cidade. Como não comecei no início do ano com a turma me colocaram em qualquer uma das cinco turmas de 1º ano que tinha na Escola Estadual Teófilo Martins Ferreira. Mas rapidamente me mudaram de turma, que eram separadas pelas dificuldades dos alunos. A sala 1 era dos piores alunos e a 5 era dos melhores. Me lembro que estava na 2 e me colocaram na 5. Fiquei muito assustada com aquilo, a turma era muito diferente e comecei a chorar no recreio porque não queria continuar lá. A professora e todos os alunos eram muito quietos e não conversavam e apenas faziam os exercícios. Por isso a direção resolveu me mudar de sala, mas tive que ler um pequeno trecho de um texto para a professora da sala 3 e foi lá que fiquei. Não me lembro muito dos anos seguintes, mas tive uma situação que marcou quando eu estava na 3ª série. Pedi a professora para ir ao banheiro, ela não deixou, comecei a reclamar, pois estava muito apertada e mesmo assim ela não deixou. Sentei no meu lugar e sem conseguir segurar, acabei fazendo xixi nas calças. Fiquei com muita vergonha e medo que alguém percebesse, por isso fiquei bem calada e quieta no meu lugar. Após um tempo a professora gritou do seu lugar que eu poderia ir, mas disse que não queria mais. Nem ela e nem ninguém da turma percebeu o que tinha acontecido, pois já estava terminando a aula e logo fomos para a casa.

Na 4ª série mudei para a Escola Estadual Manuela e ainda no começo do ano meu pai foi transferido e mudamos para Formosa- GO. Minha mãe sempre dizia que como era Goiás, ela não conhecia a escola pública e acreditava que não era boa. Por esse motivo começamos a estudar no Colégio Objetivo que era particular. Meu irmão mais velho que estava na época cursando 6ª série (7º ano) teve muitos problemas com bullying na escola e por várias vezes minha mãe buscou a direção da escola e nada foi feito. Por esse motivo meus pais buscaram outro local e fomos ao meio do ano para o Colégio do Planalto lá não tive muitas dificuldades de adaptação, usávamos as mesmas apostilas do antigo colégio, porém estávamos atrasados. Com isso demorei um pouco para ficar junto com o restante da turma.

Foi nesse novo colégio que encontrei minhas melhores amigas e que passei boa parte da minha vida escolar. Durante quatro anos fui representante de turma e até hoje meus amigos me condenam por sempre mandar os colegas para a direção, ser muito chata, mandona e por vigiar a turma na ausência dos professores. Ao parar para pensar sobre isso percebo como às vezes colocar responsabilidades que não deveriam ser do aluno, pode prejudicar a sua relação com os colegas, como alguns atos podem

influenciar nas minhas atitudes como representante de ser autoritária e nas dos meus colegas como de me excluir por ocupar esse cargo. Fico refletindo como o ato de ser representante se for usado como uma forma de criar autonomia e comunicação da turma com a direção pode ser uma forma muito boa de criar responsabilidade, autonomia e solidariedade nos alunos.

Quando já estava no 1º ano do Ensino Médio (1ª série do Ensino Médio) recebemos a notícia que nosso colégio tinha falido e tínhamos que procurar outro lugar. Bateu um desespero, uma tristeza, lembro que chorei muitas vezes porque não queria ir para outra escola, não conseguia pensar em outra escola em Formosa que gostaria de ir. Minha mãe e a mãe de mais três amigas não queriam nos separar e tentaram entrar em acordo para que fossemos estudar no mesmo lugar. Depois de alguns telefonemas e encontros decidiram pelo Colégio Maria Montessori, que era um local pequeno, com poucos alunos e que havia sido aberta há poucos anos.

Sempre no começo encontramos algumas dificuldades para adaptação e nesse caso não foi diferente. Alguns professores já tinham sido nossos professores no antigo colégio e comentaram da gente. Recordo que tivemos problemas com alguns colegas de turma e eu tive com o novo método utilizado na escola. Além das aulas pela manhã, tínhamos aulas segunda e sexta a tarde e todas as quartas fazíamos duas provas. Com todas essas mudanças e a forma mais intensa e rígida de estudos, fez com que tivesse problemas com algumas matérias e quase ficasse de recuperação. Por algum motivo que até hoje desconheço algumas meninas da turma implicaram de uma forma exagerada comigo e com as minhas amigas e de maneira nenhuma queriam a gente por perto.

Um dia em especial do meu 2º ano me chama muito a atenção. Após muitas brigas entre todos da sala e má convivência. Uma das donas e também diretora da escola chamou toda a sala para uma conversa. Recordo-me que sentamos em uma mesa bem grande que havia no final do corredor e lá em uma tentativa de reconciliação a diretora tentou intermediar uma discussão. Ficamos por um longo tempo conversando e a decisão final foi que alguns daqueles problemas e algumas amizades pelo menos naquele momento não poderiam ser resolvidas. Quando analiso essa atitude de parar a aula, parar o conteúdo e tirar os alunos e querem saber o que está acontecendo, acredito que foi sim uma boa iniciativa. A preocupação com as relações e desse modo houve um momento para que pudéssemos expressar nossas angústias e irritações em relação aos colegas e decidir o que faríamos com todas aquelas diferenças.

Com o passar do tempo as preocupações e as dificuldades foram mudando. Já na 3º ano do Ensino Médio, os medos e as incertezas eram muitos em relação à escolha do curso. Nossa escola tinha certa rivalidade com outra escola da cidade em busca de ser a “melhor”. E uma das maneiras de saber isso era a quantidade de alunos que haviam sido aprovados em instituições públicas. Por isso nosso ensino era voltado mais para a UnB ou para o ENEM, nossas provas, simulados, aulas extras e tudo eram pensando do ingresso na UnB tanto pelo PAS ou pelo vestibular tradicional. As altas notas no ENEM seriam necessárias para que a escola fosse classificada como a melhor de Formosa.

Na época eu achava isso bom e vestia a camisa pela minha escola, mas agora quando paro para refletir sobre isso. Pergunto-me se essa concorrência seria algo saudável e acredito que não é e não foi. As brigas entre as diretoras e vontade de crescer afetou profundamente cada aluno que tentava representar e muitas vezes ficaram frustradas por não conseguir superar as expectativas dos profissionais da escola e donos que muitas vezes só queriam aumentar o seu próprio ego.

Nessa época não tinha certeza sobre qual o curso escolher. Pensei em vários, mas não conseguia decidir, minha mãe sempre falava para ser professora, achava uma profissão boa e se você realmente gostasse e dedica-se poderia ser uma profissional de sucesso. No meio desse ano decidi prestar o vestibular só para saber como era e coloquei Pedagogia. Sempre falei para os meus pais o meu desejo de estudar em uma Universidade Federal.

Eu e minhas amigas íamos aos nossos dias livres para a biblioteca de Formosa e passávamos toda a tarde estudando. Quando fiz a prova, achei que não tinha passado e me matriculei em um cursinho. Foram apenas duas semanas para sair o resultado da UnB. Estávamos na escola, meus amigos e eu, pedimos para a nossa coordenadora para verificar o resultado. Não acreditei quando vi que tinha passado, foi uma alegria inexplicável. Foi uma festa só, minha mãe chorava e contava para toda a família. O único problema era que estava no meio do meu terceiro ano e não tinha certeza se poderia cursar.

Em Goiás não é permitido à antecipação do diploma, meus pais conseguiram uma advogada que nos ajudar a arrumar a permissão da justiça. Conselho e relatório assinado por todos os meus professores. Foram dias que passei de pura ansiedade sem saber se daria certo ou não. Até que consegui o meu esperado diploma e fui ao dia da



matrícula, ainda com receio que algo poderia dar errado. Tudo deu certo e pude me matricular, quando cheguei à UnB fiquei totalmente perdida em meio a tantos prédios e tanta gente.

Meu mundo parecia está virando de pernas para o ar. Estava realizando meu grande sonho de estudar em uma das maiores e melhores Universidades Federais do país. Continuei frequentando a escola alguns dias e morando em Formosa, isso era bastante cansativo. Acordava muito cedo e chegava muito tarde e queria participar de outras atividades da faculdade, por isso decidi mudar para Brasília. Fiz várias matérias e conheci vários professores que motivaram e contribuíram muito na minha formação. Em especial Oficina Vivencial, educação em geografia, educação matemática, processos de alfabetização, educação de adultos, projeto 2, entre outras.

Quando tivemos que escolher os projetos fiquei com muita dúvida, e uma amiga me falou sobre o Práticas Pedagógicas Inovadoras e gostei da ideia. Comecei a participar e fiz todas as fases do projeto junto com minha orientadora Fátima Vidal e com a Alexandra Rodrigues. No projeto 4 também participei do Programa de Extensão e Ação Contínua Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras- Autonomia, que é uma ação de extensão de professores da psicologia e da educação que acreditam em uma nova educação. Fiquei encantada com as ideias de José Pacheco e todo o meu estágio foi pensando sobre os ideais da Escola da Ponte, do Autonomia e de ideias inovadoras e foi realizado na Escola Classe Jardim Botânico. Em meio a tudo isso, participei do processo seletivo para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Fiquei entre as 10 colocadas e entrei para o Programa.

No PIBID trabalhei na Escola de Ensino Fundamental 01 da Vila Planalto em turmas de 3º e com um projeto na hora do recreio. Depois de um semestre fui transferida para a Escola Classe 405 Norte e comecei a trabalhar em uma turma de 5º ano com um aluno autista, no segundo semestre de 2013, outras meninas que também participavam do programa e eu, nós elaboramos um projeto interventivo com algumas crianças e achei uma experiência muito rica e encantadora. Era muito prazeroso trabalhar com aquelas crianças.

Apesar de estar apaixonada pelo meu projeto e pelas experiências que estava tendo ainda não tinha me encontrado totalmente e não conseguia decidir o que realmente queria fazer. No começo desse ano, ainda pelo PIBID, e acompanhando outra

escola da Rede, comecei a trabalhar com um aluno autista e foi, nesse momento, que me encontrei realmente. Gostei tanto das vivências que acabei mudando o tema da minha monografia e decidi seguir estudando mais sobre essas crianças.

## **PARTE II**

## TRABALHO MONOGRÁFICO

### INTRODUÇÃO

Hoje discutir uma escola para todas as crianças é também discutir uma escola para as crianças com autismo. E isso fica evidente quando pensamos que a pedagogia precisa ser um espaço de inclusão, cuidado, e trabalho com essas crianças, principalmente, na escola pública.

Devemos pensar em vários fatores e pessoas para que essa aprendizagem realmente aconteça. O professor é muito importante nesse processo, mas não deve ser o único responsável. Para que essa aprendizagem e essa criança se sintam bem na escola muitas coisas devem ser pensadas e trabalhadas. O crescimento dessa criança com autismo e de todas as crianças depende do funcionamento de todos que estão ao seu redor realizando um trabalho conjunto.

Diante das experiências vividas no Programa Institucional Brasileiro de Iniciação à Docência (PIBID) surgiram algumas indagações e questionamentos sobre a inclusão e sobre como as crianças com autismo fazem parte da escola. Disso surgiu a seguinte questão de pesquisa: Quais as dimensões que possibilitam a ratificação da lógica de pertencimento de crianças com autismo na escola fundamental?

A partir da questão de pesquisa supracitada, o objetivo geral deste trabalho é investigar quais as variáveis que possibilitam a ratificação da lógica de pertencimento de crianças com autismo na escola fundamental.

Algumas questões norteadoras surgiram com a questão principal organizando assim a parte metodológica: como se apresenta a educação inclusiva atualmente? O que é autismo? O que preocupa professores, monitores, orientadores educacionais na chegada de crianças com autismo à escola? e como se dá o trabalho pedagógico com crianças com autismo?

Inteiramente ligada a essas questões norteadoras, os objetivos específicos são: investigar nos documentos oficiais e na bibliografia a situação atual da educação inclusiva e seu processo histórico, pesquisar bibliograficamente à luz das teorias o conceito de autismo, investigar o que preocupa professores, monitores, orientadores

educacionais com a chegada de crianças com autismo na escola e investigar como se dá o trabalho pedagógico com crianças com autismo.

Esta pesquisa está dividida em quatro capítulos, que relacionam as teorias com as vivências na escola sobre o aluno com autismo na escola.

No primeiro capítulo apresento algumas considerações sobre o histórico e a atual situação da inclusão no Brasil. No segundo capítulo, trago o conceito de autismo a partir de algumas teorias. No terceiro descrevo a metodologia pela qual a pesquisa foi realizada que é um trabalho qualitativo que utilizo de observações, entrevistas semiestruturadas e de complementação de frese e a partir disso obtive os dados para serem analisados no quarto capítulo.

Por fim, apresento algumas considerações sobre esse processo todo de investigação de estudo sobre as crianças com autismo na escola.

## **CAPÍTULO 01- INCLUSÃO NO BRASIL- UMA PERSPECTIVA DE PERTENCIMENTO À ESCOLA**

Ao estudarmos esse sujeito com autismo precisamos enunciar sobre o histórico da inclusão, do atendimento a educação especial e a inserção desse aluno nesse contexto.

Gonçalves Mendes (2009) comenta sobre a criação do Instituto dos Meninos Cegos e o Instituto dos Surdos-Mudos no final do século XIX. Para a época era um grande avanço em relação a essas crianças, mas ainda havia pouco investimento nessa parte da educação e em uma forma geral. Aos poucos os avanços e os investimentos começavam a serem feitos, sendo que a maioria das pessoas beneficiadas eram as mais importantes ou aqueles casos mais visionários. Depois houve ainda a criação de outros institutos para pessoas com deficiência intelectual e física.

Diante da busca por mão de obra especializada e visando a educação que estava sendo renovada fora do país, que era a escola nova, que procurava romper com a educação tradicional e de pouco acesso. Investigava a vontade de uma educação que contemplava a todos, por um país com menos analfabetos, com menos desigualdade social. Pretendia através de uma educação pública, laica e gratuita um crescimento do Brasil.

A escola nova trouxe também a proposta do diagnóstico e diminuição da desigualdade social por meio da caracterização de cada indivíduo.

Enquanto se observa o crescimento da institucionalização, da implantação de escolas especiais comunitárias e de classes especiais nas escolas públicas para os variados graus de deficiência em vários países ao longo da primeira metade do século XX, no Brasil predominou no geral a despreocupação com a conceituação, com a classificação e com a criação de serviços. A pequena seleção dos “anormais” na escola ocorria em função de critérios ainda vagos e baseados em “defeitos pedagógicos” e os escolares considerados, por exemplo, como “subnormais intelectuais”. (MENDES, 2010, p. 97)

Entre os que apreciavam a escola nova e buscavam mudanças em Minas Gerais destaca-se Francisco Campos, que trouxe professores psicólogos da Europa para

ministrar cursos para professores. Chega ao Brasil, Helena Antipoff, uma psicóloga vinda da Rússia que ficou no país e influenciou no panorama nacional da educação especial. Com ideias de uma educação inicial na rede pública baseada na composição de salas homogêneas. Helena Antipoff foi a precursora de serviços de diagnóstico, classes e escolas especiais. No ano de 1932 criou a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, que a partir de 1945, iria se expandir no país (MENDES, 2010). E em 1954 foi criada a primeira APAE por dois norte americanos seguindo o modelo dos Estados Unidos, isso ocorreu porque o Estado não assumia a responsabilidade em relação às pessoas com deficiência intelectual (VIANA, 2013).

Na Lei de Diretrizes e Base que foi promulgada em 1961 apareceu a expressão “educação de excepcionais”. O que ajudou na criação de novas instituições e no aumento de instituições como a APAE e a Sociedade Pestalozzi. Como a educação pública não conseguia dar o suporte necessário para todos que precisavam essas instituições tentavam atender a todos.

O Brasil estava procurando melhorar e avançar na educação como um todo e na educação de crianças com deficiência também. Por isso no final da década de setenta são implantados os primeiros cursos para formação de professores para a educação especial, buscando melhorias e avanços para essas crianças.

No ano de 1981 foi o Ano Internacional das Pessoas com Deficiência, nesse ano a ONU fez um decreto que pela primeira vez e trazia a expressão “pessoas com deficiência” e não apenas de “os incapacitados”, “os inválidos”, “os deficientes”. Nesse ano eles ganharam voz, puderam se expressar e dizer sobre todo o tempo que foram excluídos e deixados de lado. Puderam ser vistos como pessoa, não como impossibilitados, como inabilitados a dizer o que queriam como se sentiam em relação a toda a exclusão e preconceito que já haviam sofrido. Expressaram todo seu desejo de ser vistos na sua autonomia, serem valorizados como atores sociais e não com um olhar de assessoramento, de pena. E entre 1981 e 1983 teve mais dois encontros que também tratavam desse tema, mas nesses começaram as competições entre quais as deficiências precisava de mais direitos, reconhecimento, respeito e cidadania (VIANA, 2013).

Em 1983, ainda não existia nada mais específico e nem muita informação sobre o que o era o autismo. Por isso, familiares e clínicas criaram a Associação dos Amigos

do Autismo (AMA) e foi a partir da década de 80, que essa e entre outras associações para autistas foram criadas.

Com o fim da ditadura, começou a se conversar sobre a nova constituição de 88. Várias pautas sobre a educação entraram nas reuniões e discussões, inclusive sobre educação de pessoas com deficiência. Foram pensados seus direitos analisando a singularidade de cada deficiência em todos os âmbitos, tanto na saúde, trabalho, lazer e que essas pessoas teriam uma educação especializada. Sendo um grande avanço para essas pessoas que não tinham nenhuma visibilidade dentro da sociedade.

Vários conselhos foram criados para buscar os direitos dessas pessoas, pensando sempre em cada singularidade, especificidade e as dificuldades que cada pessoa com deficiência encontrava. O primeiro a ser criado foi a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência (CORDE), e depois o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (CONADE), querendo discutir sobre a política nacional, apesar de a ideia inicial ser muito boa os conselhos receberam várias críticas, pois nem sempre o governo assumia seu segmento com prioridade.

Essas pessoas obtiveram várias conquistas nos últimos tempos. Romperam com a ideia de um modelo médico, que olhava apenas para a deficiência e para um sujeito incapaz e passou para um modelo social, onde aquele sujeito era visto com as suas singularidades, mas que era capaz. Houve grandes mudanças na parte de acessibilidade dessas pessoas aos locais, que começaram a ser adaptados para receber cada um com a sua limitação. Foram criadas rampas de acesso, banheiros mais acessíveis, elevadores e outros dispositivos para que todos pudessem ter acesso a todos os lugares. Começou-se a partir daí, o movimento pela inclusão, não somente no âmbito escolar, mas em todos os lugares públicos que essas pessoas têm direitos de acessar.

Grandes avanços e melhorias já foram conseguidos, mas ainda à muito que buscar, principalmente sobre a falta de informação das pessoas em geral sobre as particularidades de cada um, ainda existe muito preconceito e discriminação.

Em 1994 vários governantes reuniram-se em Salamanca para Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso a qualidade, a fim de promover uma Educação para Todos estudando mudanças essenciais de política para obter uma educação inclusiva, desenvolvendo as escolas para atender as crianças, principalmente as que têm necessidade especial. Que teve como princípio



[...] a inclusão e pelo reconhecimento da necessidade de atuar com o objetivo de conseguir “escolas para todos” – instituições que incluam todas as pessoas, aceitem as diferenças, apoiem a aprendizagem e respondam às necessidades individuais. Como tal, constituem uma importante contribuição ao programa que visa a Educação para Todos e a criação de escolas com maior eficácia educativa (SALAMANCA, 1994, p.3).

Os governantes buscavam uma Educação para Todos sem exclusão de nenhum jovem ou criança independente de suas necessidades. Nessa conferência utilizaram da expressão “necessidades educativas especiais” que era referente a qualquer criança ou jovem que apresentassem dificuldade escolar ou com deficiência.

Já em 2006 a Organização das Nações Unidas (ONU) organizou uma Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. A partir disso o termo Pessoas com Deficiência é usado pela primeira vez como aquelas que

têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas (ONU, 2006, p. 16).

No Brasil esse termo também é utilizado em 2008 quando o país cria as Políticas Nacionais para Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva buscando melhores condições para as crianças com necessidades educacionais especiais com o objetivo de

assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2008, p.14).

Após esses três dispositivos legais importantes tivemos a Lei nº 12.796, de 4 de Abril de 2013, que fala sobre o atendimento educacional especializado. De acordo com a Lei, o

Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 2013).

É direito desse aluno com deficiência um atendimento gratuito e especializado com adaptação curricular e com todo o apoio necessário para seu bom desempenho em

todo ambiente escolar com prioridade na rede regular de ensino.

A Secretaria de Educação do Distrito Federal publicou na Portaria nº 303, de 23 de dezembro de 2013 que todas as Unidades Escolares da Rede Pública de Ensino são inclusivas. Para esses alunos tem um currículo adaptado de acordo com a sua necessidade. O aluno com necessidade especial não pode ser simplesmente colocado em uma sala, por lei eles tem direito a adaptação curricular que segue o Currículo da Base Nacional Comum.

Dentro das Unidades Escolares os alunos podem estar dentro de “Classe Comum Inclusiva”, “Classe de Integração Inversa” ou “Classe Especial” assim denominada por eles. A Classe Especial é turma constituída exclusivamente por estudantes com Deficiência Múltipla (DMU), Deficiência Visual (DV) ou Transtorno Global do Desenvolvimento (DMU), Deficiência Visual (DV) ou Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), com modulação específica. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2013).

Mas a estadia desse aluno nessa turma é de caráter transitório, com autorização concedida pela Subsecretaria de Educação Básica (SUBEB)/ Coordenação de Educação Inclusiva (COEDIN). Sua avaliação será anual e deve contar com a participação do professor regente e dos serviços de apoio (Equipe de Apoio à Aprendizagem, do Serviço de Orientação Educacional e da Sala de Recursos), sendo analisada por eles através de um relatório sobre a sua continuidade na classe. No período que estiver nessa classe, o estudante deverá desenvolver atividades junto com os demais estudantes das classes regulares.

Na formação da turma para crianças com Transtorno Globais de Desenvolvimento (TGD), a Secretaria de Educação coloca que:

m) Os estudantes com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) matriculados em Classe Especial **não poderão** ser agrupados com os estudantes que apresentem quadros psicóticos diagnosticados ou transtornos mentais.

n) As turmas de Classe Especial de Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) poderão ser agrupadas em um mesmo espaço físico, desde que observada a modulação de dois estudantes por professor.

(EDUCAÇÃO, 2013)

Ao se pensar em como será composto cada turma, estão pensando de acordo com a especificidade de cada deficiência e varia para cada uma. Depende do que se acredita ser a melhor forma de agrupar essas crianças. Com isso também é disponibilizado um monitor que possa acompanhar esses estudantes em habilidades adaptativas (higiene, alimentação e locomoção). Todas as avaliações sobre esse sujeito com necessidade especial deveram ser feitas e avaliadas por profissionais habilitados, pela equipe que o acompanha na escola, inclusive o professor regente.

A inclusão é uma conquista muito importante, mas não acontece da maneira de que deveria ser. Porque quando pensamos em inclusão pensamos em uma escola que todos teriam atendimento igual. As nossas leis dizem que todos são iguais e que deveríamos tratar todos da mesma forma. Mas ao tratar todos iguais, não estamos incluindo, estamos ressaltando as diferenças. O que devemos pensar se a deficiência está vindo à frente desse sujeito. Então esse conceito de inclusão seria uma escola para todo mundo e uma escola para cada um. Todos são diferentes, a inclusão deveria privilegiar a singularidade, o sujeito em si. Seja ele com alguma síndrome ou com dificuldade de aprendizagem, ou qualquer outra criança na sua particularidade.

O modelo atual de escola está ultrapassado, queremos uma escola que avance para além do modelo tradicional. Como já foi citado no começo desse capítulo que as primeiras escolas já faziam com essas crianças. Precisamos mudar a nossa forma de educação, um trabalho mecânico, de memorização e sem autonomia e liberdade de expressão por parte das crianças.

Se realmente queremos que os diferentes e os desiguais tenham acesso ao conhecimento, precisamos superar as relações educacionais hoje existentes na atual estrutura escolar seriada, redimensionar o tempo e o espaço escolares bem como flexionar os conteúdos rumo a uma abordagem integradora que rompa com a compartimentalização das séries, das disciplinas e com a fragmentação do conhecimento. Enfim, precisamos superar de forma radical a atual organicidade escolar brasileira. (CARMO apud ILHA, 2013)

É importante lembrar que não está apenas relacionada ao professor (a) que está inclusão aconteça de qualidade, mas é de grande magnitude a sua participação nisso. O trabalho desse profissional que deveria estar preparado para receber, perceber, entender e respeitar as particularidades de cada um, desenvolvendo estratégias pedagógicas satisfatórias para o processo de ensino e aprendizagem de todos os estudantes para que não haja nenhum tipo de segregação. É de extrema importância a formação desses profissionais para que tenha realmente a inclusão e não a exclusão.

A formação profissional deve considerar o saber fazer, criticamente, pois o professor precisa ter os fundamentos teóricos da educação, mas também precisa saber mediar os processos de constituição do conhecimento e do saber – um fazer rigoroso, no qual a prática pedagógica zele por compreender e criar diferentes caminhos, sem cair na cilada ultraliberal que se aproximou do discurso da qualidade pedagógica anos atrás. A função e o desafio é satisfazer a necessidade das crianças e falar do desejo para que o próprio sujeito encontre formas criativas de satisfazê-lo [...] Problematizar, perguntar, deixar falar sobre o que se quer, mas não dar tudo pronto, não supor excesso de saber em si mesmo (RODRIGUES, 2012, p. 73).

Devemos realmente pensar na inclusão que estamos realizando com essas crianças. De que forma esse aluno está inserido em sala, de uma maneira que vai expelir ou agregar esse aluno com necessidade especial. Como as vivências estão sendo desenvolvidas em sala, de caráter a ser uma maneira de acrescentar esse sujeito com suas especificidades, percebendo primeiramente esse indivíduo e depois a sua necessidade ou de modo a colocar a sua deficiência a frente de tudo. A escola inclusiva deve ajudar para que todas as crianças entendam as diferenças e que todos devem ser respeitados.

## CAPÍTULO 2 - AUTISMO

*“O que é que essas crianças têm? Vocês só falam o que elas não têm!”  
Teresa Campello*

Neste capítulo temos uma discussão teórica sobre o conceito de autismo e uma discussão sobre os dispositivos legais que garantem a entrada das crianças com autismo na escola.

### 2.1. Conceito de autismo

A palavra autismo é de origem grega (*autós*), que significa voltar-se para si mesmo. É um termo usado para denominar comportamentos humanos que se centralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo (ORRÚ, 2012).

Usado primeiramente pelo psiquiatra austríaco Léo Kanner, que denominou a nosografia de “distúrbio autístico do contato afetivo” e só depois de “autismo”. Esse termo retomava um termo utilizado por Bleuler para descrever a esquizofrenia em adultos, porém Kanner separa por acreditar que o distúrbio autístico era mais um sintoma da esquizofrenia. Na esquizofrenia, segundo ele, há um retraimento de participação com o mundo, a partir de uma relação inicial, e com o autismo esta relação não se faz. O estudo de Kanner foi realizado com o caso de 11 crianças. Segundo afirmava, estas crianças eram inteligentes, possuíam uma excepcional capacidade de memorização, mas apresentavam uma incapacidade inata para estabelecerem contatos afetivos e linguagem, quando presente, era ecológica, irrelevante e sem sentido, jamais utilizada para a comunicação.

Por muito tempo várias metáforas terríveis acompanharam tanto os familiares quanto quem trabalhava com essas crianças: “tomadas desligadas”, “conchas”, “fortalezas vazias”, “carapaças”, “ovo”, “buraco negro”, são algumas metáforas que definem o autismo. (CAVALCANTI e ROCHA, 2001, p.12)

Essas crianças estão fortemente ligadas às ideias de déficit, deficiência e impossibilidade, como se o mundo psíquico fosse totalmente despovoado. São tratadas como sujeitos incapazes de manter contato e relações com as pessoas e o com o mundo.

Existem muitas controvérsias sobre o que é o autismo e ao longo dos estudos de Kanner percebemos algumas contradições.

“Depois de mais de vinte anos os mal-entendidos continuam florescendo

neste campo.(...) Convém empregar o termo no singular, sub-entendendo-se por este uso a unidade de uma síndrome-doença, estado, déficit? – ou deve-se falar de autismos, implicando desde já sua diversidade? Deve-se acrescentar ou não o termo “precoce(s)”? Considera-se que há uma continuidade com as psicoses infantis? Se sim, um dos termos será concebido como englobando o outro?” (RIBAS apud CAVALCANTI e ROCHA, 2001, p. 24).

Até que ponto criar teorias sobre o autismo pode prejudicar ainda mais essas crianças no seu desenvolvimento pleno e que podemos construir grandes equívocos que possam prejudicar essas crianças. As teorias sobre o autismo impediram que nos perguntasse a respeito da utilidade e dos efeitos desse diagnóstico de Kanner, para os cuidados dispensados às crianças que padecem de sofrimento psíquico intenso nos primeiros anos de vida (CAVALCANTI e ROCHA, 2001).

Kanner por muito tempo negou a capacidade das crianças de se comunicarem e terem uma linguagem e utilizou por diversas vezes metáforas ao escrever que quando havia frases formadas, eram apenas a junção de palavras já ouvidas e repetidas. Depois ele retoma essa questão da linguagem e afirma que

Não se pode afirmar a ausência de linguagem sentido da linguagem na síndrome do autismo infantil precoce. Reafirmando sua surpresa diante do que chamou de “inacreditável capacidade poética e criadora” dessas crianças, Kanner defendeu que embora pareçam fora do contexto e sem sentido, as palavras e frases emitidas pelas crianças tiveram um sentido quando originalmente pronunciadas (CAVALCANTI e ROCHA, 2001, p.45).

Ao analisarmos muitas falas que até hoje se perpetuam sobre o autista, percebermos que apesar de afirmarem que existisse a linguagem metafórica nessas crianças o que parece ter ficado mais evidente foi à primeira de que não existia linguagem e isso influenciou por muito tempo pais e pessoas que trabalhavam com essas crianças.

Asperger (1944) descreve de forma mais abrangente que Kanner algumas características que não foram observadas por ele. Trazendo de uma forma a se olhar diferenciadamente as relações interpessoais da pessoa com autismo. Enquanto Kanner traz o extremo retraimento social, Asperger já traz uma ideia de uma forma mais simples e até mesmo inapropriada de ter um contato e se aproximar das pessoas. Percebendo ainda como os pais tem uma dificuldade de perceber alguns comportamentos comprometidos nos primeiros anos de vida de seus filhos. Com isso surgiu o diagnóstico de Síndrome de Asperger que é

a distinção entre o autismo com deficiência intelectual e autismo de alto rendimento, aludindo às habilidades de resolução lógica complexa que alguns

autistas possuem, em contraste com aqueles que, ou bem cursam primariamente com retardo intelectual (handicap que pode atuar a favor da aquisição do autismo), ou bem são prejudicados secundariamente nas suas aprendizagens e rendimento intelectual por causa da pobreza de relacionamento a que seu autismo os condena (JERUSALINSKY, p.66, 2012).

O autismo pode ser conceituado a partir de diferentes abordagens: comportamental, psiquiátrica, psicanalítica, analítica, neurológica entre outras. Neste estudo o foco é na abordagem psicanalista, a qual será contemplada mais a frente.

O autismo consiste fundamentalmente no fracasso na construção dessas redes de linguagem- fornecedoras do saber sobre o mundo e as pessoas- e na prevalência de automatismos que, disparados de modo puro e espontâneo carecem de qualquer valor relacional e fazem resistência à entrada do outro no mundo familiar e social (JERUSALINSKY, p.60, 2012).

Ruídos e barulhos muito altos podem ser extremamente desagradáveis para os sujeitos com autismo, fazendo com que tapem os ouvidos e se isolem. Podem ter uma boa relação com objetos manipulando-os por horas, girando e fazendo movimentos com os deixam maravilhados. Fazem também movimentos repetitivos e ritmados com o corpo tudo isso é chamado de estereotipia. O tripé comunicação, movimentos repetitivos e interação parca com o outro é a descrição mais aceita para o autismo.

Também temos que comentar sobre as dificuldades em mudar sua rotina, para uma boa parte dos sujeitos com autismo as alterações só pode ser feitas por ele mesmo ou a criança pode entrar em pânico. Quaisquer alterações nas atividades do cotidiano ou na rotina podem levar ao desespero. Por isso a importância de uma rotina na escola para que eles possam seguir, mas aos poucos essa rotina também deve ir sendo mudada.

E eles só vão se acalmar quando a situação voltar para a rotina, que o objeto volte para o seu lugar certo. Enfim tudo que sair do que normalmente ocorre na vida dessa criança se torna uma ameaça e a deixa aterrorizada, Kanner (1997) chama isso de “desejo de imutabilidade”.

## **2.2. Dispositivos legais para garantia dos direitos de pessoas com autismo**

De acordo com a Constituição Federal de 1988 é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar a criança e ao adolescente, o direito à vida, à educação, à saúde, à alimentação, ao esporte, ao lazer, à cultura, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária. Além de colocá-la a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Art. 227- Constituição de 1988)

A Lei nº 12.764 de proteção aos direitos da pessoa com autismo. Que foi sancionada no dia 27 de dezembro de 2012 sendo uma Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista que prediz a participação da comunidade na formulação das políticas voltadas para o autismo, além de implantação, acompanhamento e avaliação desta. A lei que é conhecida como LEI BERENICE PIANA, tendo essa denominação se referindo a mãe de uma criança com autismo que se chama Berenice Piana e que lutou e enfrentou diversas dificuldades para que a lei fosse aprovada.

Com a Lei fica claro o acesso a ações e serviços de saúde, incluindo: o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional, a nutrição adequada e a terapia nutricional, os medicamentos e as informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento. Do mesmo modo, que a pessoa com autismo terá garantido o acesso à educação e ao ensino profissionalizante, à moradia, ao mercado de trabalho e à previdência e assistência social.

Na Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Garantindo um atendimento educacional especializado e gratuito aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 2013).

No ano de 2008, a ONU (Organização das Nações Unidas) constituiu no mundo todo o “Dia Mundial da Constituição do Autismo” no dia 2 de Abril como uma forma de incentivo e alerta à inclusão da pessoa com autismo na sociedade.

### **2.3. Perspectivas diagnósticas do autismo**

A Classificação Internacional do Diagnóstico (CID-10), é utilizada para a classificação do diagnóstico do autismo e da psicose infantil. No CID-10 temos a classificação das pessoas com autismo dentro do Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD). Assim atribuído pelos médicos, pela dificuldade que as pessoas com TGD apresentam em se relacionar com seus pares, tornando difícil o diagnóstico. A partir do momento que a criança não se reconhece como sujeito, não



existe o “eu”, não há possibilidade de construção da alteridade, proporcionando dificuldade na interação social e na comunicação também.

No Brasil além de levar em considerações os critérios do CID-10, também é utilizado o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM- V) que foi atualizado recentemente (maio de 2013) e utilizada a observação de comportamento entre outras coisas para maior segurança e eficiência no diagnóstico.

Essa nosografia era considerada, especialmente, antes dos três anos, tendo como variações: o transtorno desintegrativo, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação e a síndrome de Asperger sendo tudo isso eliminado e classificado apenas como “Transtorno do Espectro Autista”, constituindo a divisão nos níveis de leve, moderado e severo.

Alguns dos aspectos que devem ser apresentados pela criança para confirmação do autismo são: Problemas de comunicação não verbal; problemas para manter relações; problemas na interação social ou emocional alternativo. Outros aspectos como: dificuldade de integrar informação sensorial ou forte procura ou evitar comportamentos de estímulos sensoriais; falas ou movimentos repetitivos; interesses intensos e restritivos; extremo apego a rotinas e padrões e resistência a mudança nas rotinas.

A criança que é diagnosticada pode ter apenas alguns comportamentos de autismo, mas que quando tratados podem desaparecer. O problema é como esse diagnóstico pode marcar essa criança. Sobre isso Cavalcanti e Rocha colocam,

ele foi forjado em determinado contexto, marcado por imagens e metáforas que enfatizaram ou reforçaram o lugar de impossibilidade e deficiência em que são colocadas as crianças assim diagnosticadas. Quando descontextualizadas, as ideias que mantêm essas crianças nessa posição tendem a se naturalizar, a serem tomadas como próprias de sua natureza e de sua patologia (CAVALCANTI e ROCHA, 2001, p. 37).

Pensando em como isso pode prejudicar o desenvolvimento dessa criança que foi rotulada e parece deixar de ser um “sujeito” e se tornar um autista, deixando que o diagnóstico venha à frente da criança, do sujeito, ratificamos a importância das crianças estarem sempre a frente dos seus diagnósticos.

Atualmente está sendo trabalhado com a Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) como tem sido acionada por vários profissionais da saúde, uma nova abordagem internacional para descrever e avaliar a saúde e a deficiência. De acordo com o documento oficial do CIF:

Portanto, a CID-10 e a CIF são complementares, e os utilizadores são estimulados a usar em conjunto esses dois membros da família de classificações internacionais da OMS. A CID-10 proporciona um “diagnóstico” de doenças, perturbações ou outras condições de saúde, que complementado pelas informações adicionais fornecidas pela CIF sobre funcionalidade.

Porém com a CIF é o interesse maior pela “vida”, pela funcionalidade e não colocar foco na deficiência, focalizando mais no sujeito e nas melhorias para as suas condições de vida. Melhorando o acesso aos cuidados de saúde, também à proteção dos direitos individuais e coletivos.

No Brasil a Nota técnica nº 4 de 23 de Janeiro de 2014 traz uma visível concordância com a CIF. Essa nota foi disponibilizada pelo Ministério da Educação (MEC). Sobre a orientação quanto a documentos comprobatórios de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação no Censo Escolar (BRASIL, 2014).

Permitindo a criança o acesso ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), de acordo com suas especificidades educacionais, sendo que

Neste liame não se pode considerar imprescindível a apresentação de laudo médico (diagnóstico clínico) por parte do aluno com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, uma vez que o AEE caracteriza-se por atendimento pedagógico e não clínico. Durante o estudo de caso, primeira etapa da elaboração do Plano de AEE, se for necessário, o professor do AEE, poderá articular-se com profissionais da área da saúde, tornando-se o laudo médico, neste caso, um documento anexo ao Plano de AEE. Por isso, não se trata de documento obrigatório, mas, complementar, quando a escola julgar necessário. O importante é que o direito das pessoas com deficiência à educação não poderá ser cerceado pela exigência de laudo médico (BRASIL, 2014).

Garantindo a não obrigatoriedade do diagnóstico para ser atendido na escola e a garantia dos direitos a Educação Especializada. Sendo um grande avanço ao pensar que a exigência desse diagnóstico poderia ser uma barreira e uma forma de rotular essa criança como “aquela com deficiência”.

#### **2.4. Psicanálise e autismo**

Dentro do campo da psicopatologia psicanalítica são classificadas e reconhecidas três estruturas: as neuroses, as psicoses e as perversões. Sendo que cada uma determina as diferentes formas que o sujeito se protege diante das dificuldades de

expressar seus desejos com a realidade. Para Jerusalinsky:

O autismo, na medida em que ele se apresenta como uma ausência de sujeito (faltam a demanda de reconhecimento do outro e o desejo do desejo do outro para que seja possível considerar uma estrutura mínima de sujeito) coloca para a psicanálise o problema de como estabelecer uma estrutura (sempre necessária para orientar as intervenções clínicas) que se encontra fora da linguagem, na medida em que sabemos que o inconsciente está estruturado como uma linguagem. Como costuma acontecer é a clínica que se encarregou de responder a esta questão: a prevalência dos automatismos cria um mecanismo de exclusão da criança a respeito da linguagem (JERUSALINSKY, 2012, p.64 e 65).

Colocando assim o porquê que os autistas desviam o olhar especificamente do outro e não de qualquer coisa. Quando é dito que “o autista se exclui”, pressupõe a existência de um sujeito onde não há, onde tem a ausência.

Uma das visões psicanalíticas considera que o autismo tem um desvio no desenvolvimento habitual. Supondo um “fracasso” na relação bebê e um outro primordial (supostamente a mãe). Jerusalinsky coloca que

O autismo consiste fundamentalmente no fracasso da construção dessas redes de linguagem - fornecedoras do saber sobre o mundo e as pessoas - e na prevalência de automatismos que, disparados de modo puro e espontâneo carecem de qualquer valor relacional e fazem resistência à entrada do outro no mundo da criança, e conseqüentemente, na entrada dela no mundo familiar e social. (...) Para que se opere a transmissão dessa estrutura linguística que permitirá à criança interpretar o mundo ao seu redor e, ao mesmo tempo, se fazer interpretar, é necessário que se estabeleça um ponto de encontro e identificação entre a criança e o seu Outro Primordial (geralmente sua mãe). Essa identificação primária marca a entrada num complexo sistema de identificações ao qual chamamos "Estádio do Espelho", assim chamado precisamente porque, a partir desse momento, cada semelhante passa a funcionar como um espelho em que a criança contempla as múltiplas variações dos efeitos que sua voz, sua gestualidade e suas expressões causam no outro. Ela, então, se reconhece nesses efeitos. Dito de outro modo, ela se reconhece nos outros e percebe as condições que deve satisfazer para ser reconhecida. O que encontramos invariavelmente na clínica do autismo infantil precoce é o fracasso dessa função primordial de reconhecimento. As causas desse fracasso efetivamente são extremamente variáveis - das genéticas e neurológicas até às traumático-psicológica - mas a falha dessa delicada e fundamental operação de entrada no campo da linguagem aparece rigorosamente em todos os casos. [...] Dito de um modo mais simples criou-se uma barreira intransponível entre a criança e seu Outro Primordial. (JERUSALINSKY, 2012, p. 60-2).

Seria o que o Jerusalinsky chama de *função materna* falando sobre a ideia de culpar as mães pela psicanálise.

Outra autora que também lida com a função materna é Kupfer, e para ela:

No exercício dessa função, uma mãe sustenta para seu bebê o lugar de Outro primordial. Impelida pelo desejo, antecipará em seu bebê uma existência

subjetiva que ainda não está lá, mas que virá a instalar-se justamente porque foi suposta. Desenhará com seu olhar, seu gesto, com as palavras, o mapa libidinal que recobrirá o corpo do bebê, cuja carne sumirá para sempre sob a rede que ela lhe tecer (KUPFER, 2000, *versão online*).

Nesse aspecto, a estruturação autística aconteceria porque não existiu um outro apropriado para preencher a função de Outro Primordial, ou *função materna*. No final a criança também não consegue responder as expectativas da mãe que pode desenvolver defesas psíquicas para lidar com essa situação.

Para a psicanálise quanto antes identificar uma estruturação autística melhor será seu tratamento. Apesar de que muitas vezes só é descoberto aos 2 anos quando a criança ainda não fala. Esse olhar sobre a criança passa a supor um sujeito, isso é o mais importante. Fazer o que não havia sido feito anteriormente na função materna, perceber um sujeito com potencial.

[...] O fato de, aparentemente, estarem alheias, não significa que sejam indiferentes à presença do outro. Esse aparente isolamento revela-se como uma estratégia de extremo rigor para fazer frente a essa intrusão (RIBEIRO, 2005, p. 30).

E a psicanálise reconhece a potencialidade que esse sujeito tem de advir e dessa forma ser capaz de afirmar seu próprio desejo. “Isso me deixa muito triste porque é como quando eu era pequeno, eu estava lá, mas ninguém me via” (JERUSALINSKY, 2012, p.174). Essa é a fala de um dos pacientes do Alfredo Jerusalinsky que ele transcreve em seu livro *Psicanálise e Autismo* de 2012. Podemos perceber como as pessoas que estavam em volta dessa criança não há percebiam como um sujeito. E que isso o incomodava.

É extremamente importante que os familiares, professores e demais profissionais que atuem com essas crianças acreditem no seu potencial e a percebam como um sujeito de potencialidades que possam valorizar e desenvolver as habilidades dessa criança.

Na psicanálise dizemos que essa criança tem os sintomas autistas, já na terapia cognitivo- comportamental eles tratam como transtorno isso significa uma situação um tanto imprevista e desfavorável. Que pode trazer um incômodo a alguém. Transformando os sintomas em generalizações. A psicanálise procura defender que cada um deve ser tratado como tal, com suas singularidades e características. “O sintoma implica sempre a posição do sujeito, a sua própria avaliação sobre si e sobre o outro” (CALAZANS E MARTINS, 2007, p.5).

A psicanálise faz de cada um sujeito de pesquisa de si mesmo e do discurso social. “Pode-se dizer que a psicanálise oferece ao sujeito o maior espaço de questionamento e liberdade a que ele pode aspirar diante de seu grande Outro”. (JERUSALINSKY, 2012, p. 122). Tendo um olhar e coerente atuação sobre os sujeitos reconhecendo sua potencialidade que tem de incidir e dessa forma sendo capaz de afirmar os seus próprios desejos.

### CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Esse trabalho foi desenvolvido numa abordagem qualitativa com observações, tendo como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada e a complementação de frases.

Sobre a pesquisa qualitativa Minayo (1996) afirma,

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo apud GUNTZEL, 2013, p.61).

O processo metodológico incluiu uma ida à campo, na qual foi realizado uma série de observações, a partir disso foram retiradas questões da realidade do trabalho pedagógico com as crianças com autismo e dessas questões armou-se os objetivos específicos.

Mais tarde, houve um retorno mais organizado para observações e a realização das entrevistas com os sujeitos. As observações foram extremamente ricas de detalhes sobre como essas crianças com autismo eram vistas e estavam dentro da escola. As indagações surgiram com a observação da realidade dessas crianças.

A partir das experiências e das práticas vivenciadas via PIBID com o apoio da professora Maria Emília e das inquietações diante da realidade das crianças com autismo, pude definir a escolha dos procedimentos de pesquisa.

Antes de cada entrevista foi solicitado a assinatura do termo de consentimento, no qual todos os participantes aceitaram responder as perguntas sabendo que não seriam identificados, pois todos os nomes foram alterados para que não haja identificação de todas as colaboradas das entrevistas, das crianças, professores e monitores das observações.

Ruiz (2002) diferencia a entrevista do questionário ao destacar que,

Consiste no diálogo com o objetivo de colher, de determinada fonte, de determinada pessoa ou informante, dados relevantes para a pesquisa em andamento. Portanto, não só os quesitos da pesquisa devem muito bem elaborados, mas também o informante deve ser criteriosamente selecionado. Na entrevista o informante fala; na técnica do questionário, o informante escreve ou responde por escrito a um elenco de questões cuidadosamente elaboradas [...]. É importante que haja explicações iniciais sobre a seriedade da pesquisa, sobre a importância da colaboração dos que foram selecionados para participar do trabalho como informantes (RUIZ apud GUNTZEL, 2013, p. 60).

Para uma melhor compreensão e entendimento das entrevistas foi usada a complementação de frases. Segundo BROWN & PEDDER

Presume-se que, nas técnicas, o que o sujeito produz, seja em termos de organização ou de imaginação, revela características importantes e estáveis de sua própria personalidade, bem como a liberação de expressões vivenciais significativas para a compreensão de seu comportamento (apud VIETTA, LABATE, MORAES, RODRIGUES, CRISTINA, BRAGA, 1996).

Essas técnicas são utilizadas a fim de evitar limitações pessoais como também para aumentar motivações inconscientes. Ajudando assim numa maior aprofundamento e interpretação dos objetivos da pesquisa.

### **3.1. O contexto da escola**

A pesquisa foi feita em uma escola pública do Distrito Federal que trabalha com os primeiros anos do ensino fundamental. Ela funciona nos turnos matutino e vespertino. Nessa escola há 18 salas de aula, sendo sete delas turmas de classe especial, voltadas para o atendimento de sujeitos com autismo. As outras onze são turmas regulares com estudantes incluídos. Há ainda uma biblioteca, sala de informática e sala de recursos, que são pouco utilizadas. Na escola não tem quadra de esportes, só tem um pequeno parque que acabaram de construir, no pátio tem uma cesta de basquete e no recreio são disponibilizados vários brinquedos para as crianças. Ao redor da escola existe uma quadra e um parque, que é utilizado poucas vezes pelos professores, também a cantina, a direção e a secretaria.

Todos os dias quando chegam as crianças sentam-se no chão do pátio para receber as boas-vindas de uma das professoras. Nesse momento são feitos comunicados aos alunos, brincadeiras, cantam músicas e parabenizam os aniversariantes do dia. Uma vez por semana eles cantam o hino nacional, o hino da escola e o hino de Brasília, nesse momento ninguém entra nem sai da escola, as pessoas esperam no portão até terminar a execução do hino. Na hora do intervalo as crianças brincam pelo pátio, a orientadora educacional, os professores das turmas de classe especial e os monitores ficam responsáveis por cuidar das crianças. Em algumas datas comemorativas como, São João e dia das Crianças, sempre é feita uma festa para a comunidade e as crianças apresentam danças e músicas, há sorteios de rifas, decoração etc. As turmas especiais contam com 14 alunos ao todo, somando os turnos matutino e vespertino. Há ainda os alunos incluídos nas turmas regulares, são 9 ao todo. Cada professora é responsável por dois alunos integrados, sendo que em cada sala há duas professoras e quatro alunos. Não sei como são escolhidos os alunos de cada professor. São 4 turmas integradoras no

matutino e 3 no vespertino. Cada dupla de professor segue uma rotina. Não conheci as turmas do vespertino. Algumas vezes por semana alguns desses alunos saem para passear pela vizinhança, vão ao parque, à quadra de esportes, à banca de revistas etc. Em uma das turmas tem toda quarta um trabalho direcionado para a psicomotricidade junto com a turma do 1º ano. Alguns desses alunos fazem vivências em turmas regulares. Nas turmas regulares geralmente tem monitores ou alunas da UnB que participam do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que acompanham os alunos autistas ou ajudam com toda a turma.

### **3.2. Os sujeitos e as turmas**

Fiquei em duas turmas durante as minhas observações. A primeira era uma Classe Regular com 16 alunos ao todo sendo 2 com autismo. A professora que acompanha a turma era a coordenadora da escola e devido a saída da antiga professora e da passagem de vários professores substitutos assumiu a turma em Abril. A turma conta com uma monitora que sempre fica com as crianças autistas, mas também ajuda outras crianças, algumas vezes por semana tem outro monitor que acompanha uma das crianças com autismo. Depois do meio do ano uma turma de Classe Especial está fazendo vivências na sala, são três crianças e dois professores, que também contribui com todo o restante da turma e ajudam a professora. Os alunos são muito agitados, participativos e sempre querem a atenção da professora. A maioria deles sempre brinca e conversam com os dois alunos com autismo. A professora pelo tempo que observei sempre busca levar atividades diferentes e que possa incluir as crianças, sempre muito atenciosa, ajuda a todos que precisa, presta atenção na fala das crianças e as trata com muito carinho.

Sobre os alunos:

A primeira criança é o Daniel, ele tem 11 anos, é bem tranquilo, responde as orientações da monitora e da professora, apesar que ao ser desapontado ou ficar nervoso, reage batendo no outro. Mas tem feito isso com menos frequência, desde que o tenho acompanhado. Não fala, mas se comunica apontando para as coisas que quer. Tem uma rotina sempre organizada e atualizada por ele, se isso não acontecer, fica muito irritado e pode ser até agressivo. Muito organizado com suas coisas e um grande apreciador da comida, está em uma dieta para controlar a alimentação. Seus pais parecem ser bem presentes.



O Matheus já é bem mais tranquilo precisa sempre de ordem para fazer as coisas até mesmo para lanchar. Tem 9 anos. Possui ecolalia e apenas repete o que falamos. Gosta muito de abraços, de ficar no colo e receber carinho. As meninas estão sempre ao seu lado, sempre o abraçando e brincando com ele. Sua família também é muito presente. Esse é o seu primeiro ano em turma regular, antes ele ficava em uma classe especial.

A outra turma que observei era de Classe Especial, duas professoras para dois alunos. Por serem diferentes havia sim uma distinção entre as crianças. Apesar de que muitas atividades eram feitas para todas as crianças em conjunto, existiam algumas diferenciadas. Uma das professoras é mais tradicional, enérgica com as crianças, acha que todos têm que ser tratados igualmente e seguir as regras da escola. A outra é mais carinhosa com as crianças e como era chamada pela outra professora, mole com os meninos.

Sobre os alunos da classe especial:

O Gustavo é muito falante, gosta de dar abraços e beijos em todos. Tem 8 anos. Os pais são muito presentes na escola, sempre bem alegre, está sempre rindo, gosta de brincar com carrinhos e de jogar objetos para cima. Tem bastante autonomia, sabe ler e escrever.

A Gabriela tem 8 anos. Sempre muito falante, questiona tudo que está fazendo e tudo que está acontecendo ao seu redor. Não pode ser contrariada que acaba chorando, gritando e até batendo. Gosta de ficar perto de outras meninas e tem bastante autonomia, sabe ler e gosta de escrever com letra cursiva.

O Fernando tem 9 anos. Não fala muito, tem ecolalia, muito apegado a professora. Ainda usa fralda, que é retirada na chegada à escola. Não é agressivo, sabe ler e escrever e tem pouca autonomia. Ele resiste ao barulho e tem um grande talento para desenhar pessoas e roupas. Os pais são bastante presente na escola, incentivam seus desejos e o apoiam para continuar seus desenhos.

O Saulo tem 6 anos. É muito falante, mas perde a atenção facilmente. Tem pouca ecolalia e sempre está imitando o colega Gustavo. Pelo que percebi já tem uma grande interação social com outras crianças e autonomia. Muito curioso, quer sempre estar em contato com as pessoas e questiona sempre as coisas que lhe são impostas. Sua família também é muito presente e sempre o está incentivando em suas ideias.

Sujeitos das entrevistas:

Foram feitas cinco entrevistas: Com a monitora Paola da turma inclusiva, onde fiz as observações. Ela tem 33 anos, 4 anos de secretaria de educação sendo 4 trabalhando com sujeitos com autismo. Formada em Radiologia e cursando Pedagogia à distância.

A professora Amanda da turma inclusiva tem 39 anos, 17 de secretaria de educação e 1 ano trabalhando com sujeitos com autismo. Formada em Pedagogia/ Magistério.

As professoras da classe especial, a Maria que tem 53 anos, 16 de secretaria de educação sendo 10 anos trabalhando com sujeitos com autismo. Formada em Letras Português/ Inglês e Pedagogia.

A outra professora é a Fernanda de 39 anos, 12 anos de secretaria de educação e 10 trabalhando com sujeitos com autismo. Formada em Pedagogia. E por último, a orientadora da escola, Glaucia de 50 anos, mais de 20 anos de secretaria de educação e 16 anos trabalhando com sujeitos com autismo. Formada em Pedagogia/ orientação educacional.

## CAPITULO 4- DISCUSSÃO DE VIVÊNCIAS

Neste capítulo encontra-se a discussão do contexto da pesquisa e do resultado das estratégias utilizadas. Para isso utilizo as observações que geraram minhas indagações, o resultado das entrevistas semiestruturadas e da complementação de frases. As categorias foram criadas a partir das perguntas realizadas nas entrevistas e as subcategorias de acordo com as respostas e as inquietações vividas nas observações. Utilizaremos a fala das entrevistadas, sempre mantendo o sigilo de suas identidades, usando a troca de nomes reais por fictícios.

A análise foi dividida em duas categorias, sendo elas: A chegada de crianças com autismo na escola e o trabalho pedagógico com crianças com autismo. Dentro dessas duas grandes categorias dividimos em subcategorias. Na categoria, A chegada de crianças com autismo na escola, temos três subcategorias, quais sejam: Estrutura da Escola; Quem vem primeiro: o sujeito ou o autismo? Necessidade de práticas inovadoras. E na categoria: Trabalho pedagógico com crianças com autismo está dividido em seis subcategorias que são: Tempos diferenciados; práticas com monitores; a escola para crianças com autismo; a interdisciplina; o protagonismo infantil.

### 4.1. A chegada de crianças com autismo na escola

*Cada um tem uma maneira, tem uma estratégia de aprendizagem [...] (Professora- Maria).*

Nesse eixo vamos tratar sobre quais são as preocupações das pessoas que trabalham com essa criança na escola com a sua chegada e quais são as medidas apontadas tanto pelas colaboradoras da pesquisa, quanto pela própria pesquisadora o que pode ser problematizado e, talvez, modificado na prática pedagógica.

#### 4.1.1. Estrutura da escola

Que escola é essa que está recebendo as crianças? Existem as leis que garantem o direito a educação a todas as crianças, mas será que a escola está preparada para recebê-las?

*Que pra mim é uma escola altamente desestruturada, é tá. Ah, mas ela é inclusiva, porque a sociedade é bem diferenciada, eu tenho que atender; eu tenho condições necessárias pra atender todo mundo. O que não é visto, na verdade o ensino na escola ele não é visto como*

*uma sociedade que tem inúmeras diferenças e que a gente teria que ter uma outra estrutura pra receber esses alunos, não é só esses com autismo, todos eles, todos eles (Orientadora- Glaucia).*

*Eu acho que o que não pode faltar é um ambiente diferenciado pra esse menino se dirigir em alguns momentos. E esse ambiente diferenciado seria uma sala de jogos, jogos didáticos [...] Sabe, uma quadra, a gente precisaria de uma quadra da escola [...] tem dias que eles chegam muito ou muito agitados ou muito fragilizados, sonolento, tudo isso, cansado até também (Orientadora- Glaucia).*

*[...]Que não só em sala de aula, aquela sala formalizada, mas nós não temos essa estrutura(Orientadora- Glaucia).*

Na fala da Orientadora da escola perceber como a instituição não está preparada para receber nenhuma criança, nem a criança com autismo e nem as outras crianças. Esse espaço que deveria ser de inclusão enfatiza mais a exclusão, o olhar aquilo que não é comum entre eles.

A lógica do pertencimento (o outro sente-se radicalmente dentro de um grupo) e ética inclusiva (a diferença e diversidade estão nos discursos e nas práticas de acolhimento, construção e produção de conhecimento) são fios fundamentais para tecer a teia que sustentará a prática em uma escola plural(RODRIGUES, 2012, p. 75).

Essa escola plural que Rodrigues coloca, seria uma local onde a criança se sentiria pertencente aquele espaço, cada qual como um sujeito e com suas singularidades. Um espaço para que cada aluno pudesse explorar suas habilidades. Acesso a outros dispositivos que pudessem desenvolver outras aptidões como: pintura, teatro, dança, esporte entre outras coisas que essas crianças tem pouco acesso.

#### 4.1.2. *Quem vem primeiro: o sujeito ou o autismo?*

É importante saber no trabalho com essas crianças se é o diagnóstico ou é a criança que pensamos primeiro.

*A primeira preocupação é conhecer essa criança, o histórico de vida dela. Conhecer o relatório dela em outras escolas. Conversar com a família e realmente criar vínculo com essa criança [...] Então eu acho que o mais importante é isso e depois eu me preocupo com o diagnóstico. Porque na verdade ela é uma criança e as crianças têm semelhanças independente da síndrome, os dessas particularidades, dessas singularidades [...] Você compara a criança autista com ela mesma. Você não tem como compará-la nem com outra criança típica, nem com outra criança autista (Professora- Maria).*

O principal é a subjetividade de cada um, o trabalho voltado para os interesses e

preferências dessa criança. Paulo Freire (2011) coloca que

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou a menina [...] não posso evidentemente escutá-las, e se não escuto, não posso falar com elas, mas a elas, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-las. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito, é um isto ou aquilo, destratável ou desprezível (FREIRE, 2011, p.118).

*Essa semana veio um menino a tarde e ele é autista. Vi a mãe e falei vem cá ele estudava na Escola..., estudou com a minha filha... Era aquela que ficava agarrando ele? Falei é a própria. Nossa, ela sempre tratava muito bem ele. Porque é assim que ele tem que ser tratado(Monitora- Paola).*

Podemos notar na fala da monitora o espanto de uma mãe por lembrar-se de uma criança que tratava bem o seu filho autista. E como Paulo Freire comenta no trecho acima, se não tivermos respeito à diferença, não podemos entendê-la e escutá-la. É importante saber sobre as limitações e dificuldades de cada aluno e tentar da melhor maneira possível estimular as potencialidades de cada um.

Estas crianças são, então, condicionadas e criadas dentro de um campo imaginário do que deveria ser um autista e a partir de traços que lhes são característicos. Ficam instaladas nessa posição [...]. Posição que provoca um efeito desorganizador extremo, na qual a criança mergulha no autismo que do social acabam por lhes impor (MEIRA, 1996, p. 77).

Não se deve determinar, por essa criança ser autista, até que ponto ela pode chegar, que não pode se comunicar, socializar. É importante que aqueles que convivem com ela, pais, professores, colegas possam acreditar no seu potencial e assim trabalhá-lo. O diagnóstico deve ser dito com muito cuidado a família e a própria instituição de ensino para que isso não chegue à frente e assim apagando o sujeito. E para a psicanálise o mais importante é que essa criança tenha sentido. Os professores devem supor na potência dessa criança e a relação entre o professor e a criança com autismo é fundamental é a suposição de um sujeito ali onde está autismo.

#### 4.1.3. Necessidade de práticas inovadoras

*O que não é visto, na verdade o ensino na escola ele não é visto como uma sociedade que tem inúmeras diferenças e que a gente teria que ter uma outra estrutura pra receber esses alunos, não é só esses com autismo, todos eles, todos eles(Orientadora- Glauca).*

No trecho acima percebemos como o desejo de mudança e a importância desta está sendo clamada. As escolas não estão conseguindo receber as crianças com suas singularidades, suas diferenças. Essa necessidade não é só para esse aluno com autismo, mas para todos. O modelo da escola continua o mesmo, por mais que tenhamos leis muito contemporâneas, que pensam no direito à escola, precisamos reconhecer a questão da diferença pra ela estar na escola, as escolas não conseguem ver isso e seguem do mesmo jeito. Muito dos problemas encontrados dentro da escola poderiam ser solucionados com algumas mudanças. Mudar para uma escola, onde esse aluno seja escutado, tenha mais liberdade de expressão, que não precisemos de filas ou horário de entrada, horário de saída, horário de aprender, horário de comer, precisamos é criar nessas crianças mais autonomia e possibilidade. “A liberdade de mover-nos, de arriscar-nos vem sendo submetida a uma certa padronização de fórmulas, de maneiras de ser, em relação às quais somos avaliados” (FREIRE, 2011,p.111).

*Ele vai ter que seguir as regras de uma escola. Não sei, às vezes eu acho que eu sou muito brava, mas eles não estão, a gente não tá pensando em uma inclusão? Lá a gente não tem que tá toda hora passando a mão na cabeça, botando no colo toda hora. Entendeu? Se é pra todo mundo sentar, porque ele não senta? Ele tem que sentar, ele sabe sentar. Ele tem que aprender a seguir regras. Eu acho que a escola serve também para isso (Professora- Fernanda).*

O aluno que tem que se enquadrar à escola tradicional e não a escola buscar por mudanças e atender as necessidades de cada criança.

*[...] A escola tem que mudar, não é o sujeito autista que muda. É a escola e os professores, as pessoas que a acolhem, que devem mudar para recebê-la. Eu acho que isso é muito importante, porque a partir daí que a gente muda o contexto por ela ser, ter um funcionamento diferente. Então a gente muda todo o ambiente, a gente muda nossa maneira de ensinar. Ela vai se sentir incluída, ela vai se sentir pertencente aquele grupo (Professora- Maria).*

Logo, no trabalho com crianças em estruturação autística, é necessário que algumas posturas sejam construídas na instituição escolar e ratificadas por pais, alunos, professores e demais educadores. [...] A escola está mudando, mas não o suficiente para que todos possam estar nela e construir seu processo de aprendizagem. Ainda marcada fortemente por dispositivos que controlam, medem e classificam os alunos – esses seres sem luz –, as crianças e adolescentes com deficiência, transtorno no desenvolvimento ou altas habilidades, sempre fazem marca na instituição. A diferença é deles, e o modelo do fazer igual para todos não é questionado. Como nosso modelo principal de ensino é seriado e pressupõe um saber comum a todos os alunos, é necessário que a Educação Especial garanta espaços de intervenção a esses sujeitos (RODRIGUES, 2012, p.70).

Como essa instituição ainda está marcada por coisas exatas e sempre na busca de tornar todos iguais e seguindo o modelo da sociedade, devemos é mudar isso, buscar em cada um a sua singularidade e seus desejos. Deixar que possam expor seus saberes e suas experiências e deixá-los sentir-se parte da sua própria aprendizagem.

## 4.2. O trabalho pedagógico com crianças com autismo

*Paciência, dedicação, ser apaixonado por essas crianças, só [...] (Monitora- Paola).*

Nesse eixo iremos tratar sobre como é o trabalho pedagógico das crianças com autismo e o que consideram ser mais importante.

*Eu acho que o que não pode faltar no trabalho da educação é a cognição-afeto. A gente tem que entender que o trabalho educacional é um trabalho que exige que você vá ao encontro do outro, que você se coloque no lugar do outro e que você veja ele como um sujeito de possibilidade e que essa possibilidade não é aquilo que eu determino é aquilo que o sujeito me diz. [...] Que ele tá num ambiente, que ele tá buscando, está tentando assim como eu, então é feito de erros, de aceitos e erros. E o que eu acho importante é que haja momentos de coletividade, eu sei que nem todas as atividades dá pra gente fazer junto, mas eu acho que pelo menos uma, ele tem que fazer parte do grupo e o grupo tem que sentir que ele tá ali. [...] que ele saiba que ele faz parte de um grupo [...] (Professora- Amanda).*

Nesse trecho encontro uma questão importante sobre a importância de se colocar no lugar do outro e de perceber nessa criança um sujeito com possibilidades.

### 4.2.1. Tempos diferenciados

As crianças com autismo tem um tempo diferente do restante das crianças. Geralmente saem até 40 minutos mais cedo que as outras crianças.

*Porque de horário é o seguinte, pra ele sair mais cedo, com relação a horário, existe um ajuste, né? Então assim, a gente tem que justificar, ele tá saindo, ele é uma criança que ele sai mais cedo, por quê? Porque a tolerância cinco horas em uma escola já era. [...] eles tem um horário, uma hora aula pra ser cumprida aqui dentro. Então geralmente, geralmente existe um documento que fala que a criança está saindo tantas horas devido a tolerância, tudo isso. Porque é pra se respaldar, e são essas horas aulas que devem ser cumpridas no ciclo do ensino fundamental (Orientadora- Glaucia).*

*Bom, eu não vejo só do autismo, eu acho que todas as crianças que todas têm seu tempo e do autista às vezes é maior. [...] Não vale a pena, não faz sentido, eu acho que a gente tem que trabalhar com o que o sujeito me fornece. Se aquele é o limite dele, não adianta eu ir à adiante. Porque eu só vou estar estragando até onde eu cheguei (Professora- Amanda).*

Na fala das entrevistadas acima podemos notar que para elas acreditam que essas crianças tem um limite de tolerância menor de permanência na escola. Mas a professora Amanda cita que todas as crianças também tem seu tempo, o que não foi citado é como muitas dessas outras crianças também já estão esgotadas e se pudessem sairiam mais cedo. A forma como está organizada essa escola e maneira que essas crianças têm que passar horas sentadas em uma cadeira, ser quase nem se levantar ou ao mesmo falar. É também muito desgastante. Novamente trago a ideia da necessidade de práticas mais inovadoras para que essas crianças com autismo se sintam pertencentes a esse local e não fiquem esgotadas e sem tolerância de continuar nesse ambiente educacional que deveria proporcionar aos alunos um lugar de prazer.

*[...] Porque geralmente o aluno autista, ele não tem só a escola, nesse turno ele vem para a escola, no outro turno ele [...] deve ter atividade até umas sete horas da noite. Se ele passar todo o horário junto com os outros, o que vai sobrar desse menino no final do dia? [...] Tem a mocinha aqui que ela fica aqui de manhã e a tarde ela vai para outra escola (Monitora- Paola).*

A monitora Paola traz um ponto importante que é a quantidade de atividades extras que essas crianças fazem fora da escola. Que muitas vezes essas crianças já estão sobrecarregadas de atividades como psicólogas, fonoaudiólogas, esportes em geral entre outras atividades que deixam essa criança esgotada. Mas não seria certo diminuir o tempo na escola para que os atendimentos fossem contemplados. Essas crianças também tem que brincar e fazer outras atividades que gostam e que não sejam direcionadas.

#### 4.2.2. Práticas com monitores

O monitor é um direito da criança com espectro autista, mas esse direito nem sempre é cumprido. Como poderemos perceber na fala abaixo da orientadora da escola.

*O monitor? Agora a gente tem monitor, mas é uma discussão que a gente já tá travando, o ano que vem ninguém sabe. [...] Todo ano é assim, não existe uma política de sequenciação [...] Então pra vir*



*monitor é uma briga [...] é reunião, é discussão, é promotoria, tudo isso, até chegar alguém aqui. É dose. Os direitos existem, pra isso existe uma lei maior que te assegura. Só que pra ela vigorar, tu tem que correr atrás e brigar. É isso que acontece, é isso que a gente enfrenta no dia a dia (Orientadora- Glaucia).*

Apesar de que de acordo com a lei essas crianças têm direito de ter um monitor, notamos como isso não é tão simples, que é através de muita luta e briga que um direito é alcançado.

*eu pergunto tudo. Mas senta, porque eu não tenho, não sou como os professores, ninguém me dá um laudo e diz: \_Lê aqui e vê como é o aluno. Nem o relatório, ninguém. Então, eu tenho que pergunta para os pais, perguntar para os professores anteriores [...] (monitora- Paola).*

Já na fala da própria monitora percebemos suas dificuldades em conseguir um respaldo maior sobre informações dessa criança. Apesar de que na lei esse monitor deve apenas ajudar nas questões básicas de levar ao banheiro, vemos uma preocupação com as questões pedagógicas também, que na maioria das vezes exclui o professor da intervenção. Mas também é importante conhecer esse aluno e outras necessidades e ter um contato maior com ele.

*a questão de dever de sala de aula, as vezes monitorar a criança quando vai ao banheiro, então tudo isso, na verdade é resguardar a criança de algumas coisas, segurança pra ela [...] Por mais que as vezes eu dei alguma instrução, mas a gente corre atrás dele ficar independente, dele ter independência de ir ao banheiro, de fazer a higiene devida dele. Então essas coisas, coisas básicas do dia a dia (Orientadora- Glaucia).*

*Minha variável se chama Paola, é uma monitora fantástica que eu tenho. Porque o que acontece, o autista ele não tem autonomia [...] O meu aluno autista, eu explico pra ele e ele não vai sozinho, eu preciso que ele seja acompanhado constantemente e quem faz isso pra mim, é a Paola, minha monitora. Ela é fantástica, o trabalho dela é pedagógico. Eu sei que hoje de acordo com o contrato dela, ela é técnica, então era pra ela levar o aluno ao banheiro e falar: -Faça isso. E ela vai além, o que eu agradeço imensamente, porque eu não consigo atender, a demanda dos outros da minha sala e tá constantemente ao lado dos meus dois alunos e ela faz esse papel pra mim e faz maravilhosamente bem. Então a inclusão, o trabalho acontece na minha sala, porque eu tenho uma parceira, maravilhosa que é a Paola, sem ela realmente meu trabalho ficaria muuito, muito, extremamente comprometido (Professora- Amanda).*

Quando foi perguntando o que “o trabalho pedagógico do monitor deve priorizar”, a maioria dos entrevistados mencionou o aluno seguindo as demandas do professor. A monitora diferente das outras entrevistadas comenta que

*só penso no carinho, no afeto com o aluno, porque se você não tiver carinho pelo aluno, se você não gostar do aluno, não tem como você trabalhar com ele.*

Como comentado nos trechos acima apesar desse trabalho ser apenas de atividades que ajudam a gerar mais autonomia e direcionamento pedagógico para essas crianças, alguns monitores desempenham um papel mais como auxiliar ou até estagiário da professora, auxiliando nas suas necessidades e mostra a importância de um trabalho em equipe e de como o professor precisa de alguém que possa auxiliar em suas atividades e em seus momentos com a turma.

#### 4.2.3. A escola para crianças com autismo

Essa foi uma das frases usadas nas entrevistas para que as colaboradoras respondessem.

*um espaço que proporcione o desenvolvimento dessa criança, dessa integração[...] (Orientadora- Glaucia).*

*Construção, organização, planejamento, se replanejar [...] A escola deve ser algo que esteja em constante mudança e quem faz acontecer essa mudança e a resposta que eu tenho em sala de aula, se eu fiz algo e deu certo, então eu vou investir naquilo, se eu fiz e não deu certo, eu vou investigar porque não deu certo e reconstruir. [...] essa constante busca pelo interesse do aluno, buscar tornar esse espaço interessante pra mover estruturas pra que ele possa aprender (Professora- Maria).*

*De alegria, um espaço de alegria [...] (Professora- Fernanda).*

*Crescimento, espaço de acolhimento (Professora- Amanda).*

*Eu já acho que deveria ser para todo mundo de diversão, porque onde você tem prazer, onde você se diverte você gosta de estar e você quer estar. [...] (Monitora- Paola).*

Com todos os relatos acima é nítido como a escola para elas é um espaço que deve apenas acrescentar e desenvolver essa criança. Sendo um local de acolhimento, crescimento, prazer, alegria, aprendizagem ajudando assim no desenvolvimento desse sujeito como um todo com todas as suas particularidades. Rodrigues coloca que

Numa escola disponível para o saber da vida, do outro, da natureza, das gerações, da deficiência, das diferenças étnico-raciais e de orientação sexual, a diferença é uma constante, e não uma exceção. Se não mudarmos o modelo de escola a partir de uma formação docente plural, dificilmente sairemos dos adjetivos: educação ainda precisará ser especial e a escola, inclusiva. Uma escola verdadeira é uma escola que acolhe, inclui, provoca, tutora, questiona e acompanha sujeitos em seus processos diferenciados de desenvolvimento e aprendizagem (RODRIGUES, 2012, p.70).

É isso que a escola deve ser, um espaço da constante acolhedor que receber cada um com as suas necessidades e características tornando-se um local mais agradável fazendo com aqueles que estudam nela possam perceber que todos são diferentes cada qual com a suas peculiaridades.

#### 4.2.4. A interdisciplina

Todas as colaboradoras da pesquisa citaram a importância de trabalhar com os outros profissionais que atendem essa criança fora da escola, mas apenas uma professora da Classe Especial teve contato com a psicóloga das crianças. A professora e a monitora da turma Inclusiva reclama que não conseguiram ter esse contato.

*Eu acho essencial, eu trabalho de uma forma, ai quando eu vejo o dever de casa, mas como ele fez isso? Eu não sei. Caracas ele conseguiu fazer isso como? [...] (Monitora- Paola)*

*[...] adianta meu aluno fazer, um sei lá, uma terapia e ela seguir por uma linha e eu outra e a gente não conseguiu chegar em um objetivo. Eu acho que a gente tem que se conhecer, eu acho que a gente tem que conversar, visando sempre o aluno. Entendeu? Maior qualidade de atendimento ao aluno lá e aqui (Professora Fernanda).*

*Porque a gente constrói uma teia de informações e a gente pode traçar um perfil desse aluno. Então é fundamental (Professora Amanda).*

*[...] A gente cria estratégias diferenciadas, porque cada pessoa tem uma percepção, tem uma formação e assim, tem uma forma de criatividade, de planejar um material diferenciado [...] (Professora-Maria).*

O enfoque multiprofissional bem estruturado e com bom nível de funcionamento é a garantia absoluta da eficácia, a resposta efetiva para os problemas possivelmente apresentados pelos sujeitos que precisam de atendimentos educacionais especiais (GONZÁLEZ, p. 349).

Quando se é pensando nessa comunicação entre os profissionais que trabalham

com essas crianças dentro e com os profissionais que atendem fora da escola. Seria uma parceria, uma forma de comunicação de como essa criança está reagindo a certo tipo de intervenção.

#### 4.2.5. O protagonismo Infantil

“Problematizar, perguntar, deixar falar sobre o que se quer, mas não dar tudo pronto, não supor excesso de saber em si mesmo” (RODRIGUES, 2012, p. 73). O conteúdo não deve ser jogado, essas crianças tem que perceber qual o sentido daquilo que está sendo ensinado para elas.

*Primeiro: conhecê-la, para saber qual o foco de interesse dela, fazer sondagem para ver o que ela traz de experiência, o que ela já sabe. A partir daí eu planejar e sempre voltado para a criança [...] (Professora Maria).*

*[...] cada um se desenvolve a sua maneira, no seu tempo de acordo com o meio e as pessoas com que ele vive fornecem. Então dentro de sala de aula eu tenho 16 alunos, são 16 formas de aprender e eu tenho que lidar com cada uma delas [...] (Professora- Amanda).*

*Ai, é saber como ele se organiza, como ele aprende, porque ai eu posso fazer uma intervenção mais adequada. Só partindo do aluno, da necessidade dele, que eu posso elaborar meu planejamento. Então, eu preciso conhecer esse indivíduo, pra saber o que acontece com ele, pra saber o que eu preciso trabalhar com ele (Professora- Amanda).*

Percebemos pela fala das professoras como é importante conhecer o seu aluno, o que essa criança já traz de experiência e de saberes. Saber trabalhar com suas potencialidades. É interesse quando a professora Amanda cita que em sua sala com 16 crianças, as 16 têm diferentes formas de aprender. Seguimos um modelo de escola que tenta padronizar as crianças e como elas aprendem.

É importante salientar que uma escola disponível a incluir todos os educandos precisa estar comprometida com saberes baseados em desenvolvimento sustentável inclusivo, alteridade e experiência. [...] Os pressupostos de uma Educação para Todos, que incluem acessibilidade, permanência e aprendizagem, permitem armar possibilidades e condições para que possamos, na docência, atender a especificidade desses sujeitos na linguagem (RODRIGUES, 2012, p.78).

As formas de aprender não podem ser as mesmas, pois estamos lidando com características, singularidades, crianças e realidades diferentes. “Os fios tecidos [...] para a grande maioria dos estudantes, são pintados com mesmo corante, textura e tamanho. Fios que foram tecidos para atender a todos sem considerar o singular” (RODRIGUES,

2012, p.71). Precisamos pintar os tecidos com corantes, texturas, tamanhos e formas diferentes para atender a essa escola onde todos são diferentes com suas singularidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar as dimensões que possibilitam a ratificação da lógica de pertencimento de crianças com autismo na escola fundamental. Não é possível listar todas as dimensões, mas a partir das observações, vivências e experiências proporcionadas pelo PIBID e todas as vezes que entrei na escola para realizar atividades ligadas a esta pesquisa, consegui enxergar algumas delas.

A relação do professor com esse aluno é extremamente importante para a subjetivação das crianças. A permanência delas na escola, porém, depende de dimensões que vão além dessa relação, dependem também do monitor, de um trabalho colaborativo de todos os profissionais que fazem intervenção com essas crianças, assim como a escola ser um espaço de acolhimento. O protagonismo infantil que é uma subcategoria do capítulo 4 é a principal dimensão ao pensar sobre o pertencimento da criança com autismo na escola, colocando a criança como centro dessa educação, como um sujeito de opiniões e desejos.

Para que as crianças possam se sentir pertencentes à escola precisamos ter professores disponíveis ao outro, interessados pedagogicamente e que reconheçam a criança com autismo como sendo e pertencendo a escola. Uma rede de apoio que ratifique a presença e a aprendizagem de crianças com autismo. Podem pertencer a ela: o monitor, a coordenação, a orientadora, os demais professores da escola, os colegas, a família, os profissionais de fora da escola. E também uma legislação que garante os direitos da criança com autismo.

Notamos ainda a extrema necessidade da escola ter uma proximidade com práticas mais inovadoras, porque quanto mais a escola tiver práticas tradicionais com tempos únicos para todas as crianças, menos espaços para as crianças com autismo vão ter. Iremos de novo ratificar a lógica que a criança que tem que ir embora. Porque o tempo dela não é o tempo da escola.

A escola que buscamos para as crianças com autismo, para todas as crianças., deveria ser um lugar onde elas possam experimentar ser livre nas suas escolhas, serem mais autônomas, que possam mostrar seus desejos e aflições, que haja respeito, solidariedade e que o educador ajude a orientar e potencializar essas crianças, para que elas possam sentir-se pertencentes a um ambiente acolhedor, alegre, que as percebam

como crianças que vão muito além de um diagnóstico que devem ser ouvidas, respeitadas cada qual nas suas diferenças.

### **PARTE III**

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Depois de tantas batalhas e aprendizagens, penso que tudo isso é apenas o começo e que ainda tenho muito para crescer e aprender, principalmente, em minha profissão. Pretendo fazer algumas especializações na área de educação especial. Gostaria de me especializar em psicopedagogia e continuar sempre trabalhando com crianças com deficiência e prestar o concurso para a Secretaria de Educação. Em um futuro não muito distante quero fazer um mestrado e um doutorado. Procurar estar constantemente estudando e me especializando. Visto que devemos ser professores pesquisadores e estar em constante renovação e avaliação da nossa prática.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 12.764*, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, versão online. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm)>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

BRASIL. *Lei nº 12.796*, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1)>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

CALAZANS, R.; MARTINS, C.R. Transtorno, sintoma e direção do tratamento para o autismo. *Estilos da Clínica*. v. 12, n. 22. São Paulo, jun. 2007.

CAVALCANTI, Ana Elizabeth e ROCHA, Paulina Shimidtbauer. *Autismo: construções e desconstruções*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 12-65 - (Coleção clínica psicanalítica).

CLASSIFICAÇÃO Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde Organização Mundial da Saúde, CIF, maio de 2001. Disponível em: <[http://www.periciamedicadf.com.br/cif2/cif\\_portugues.pdf](http://www.periciamedicadf.com.br/cif2/cif_portugues.pdf)> Acesso em: 18/10/ 2014.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. *Necessidades educativas especiais*. NEE In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade- UNESCO. Salamanca, Espanha. 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*/ Paulo Freire- 49ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONÇALVES MENDES, Enicéia. Breve histórico da educação especial no Brasil. *Revista Educación y Pedagogía*, v. 22, n. 57, p. 93-109, 2011.

GONZÁLEZ, Eugenio; GONZÁLEZ, Crescenciana. *Necessidades Educativas Específicas*. In: Penso, 2007.

GUNTZEL, Johnie Clayton. *A Interdisciplinaridade do Atendimento às Crianças e Jovens Hospitalizadas: Uma Perspectiva Pedagógica Aplicada ao HFA*. Trabalho Final de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2013, p. 177.

ILHA, Beatriz Carriço. *Inclusão e Integração escolar: paradigmas presentes no trabalho Pedagógico com Crianças com Autismo*. Trabalho Final de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2013, p.76.

JERUSALINSKY, A. *Psicanálise do Autismo*. 2 ed. São Paulo: Instituto Langage, 2012.

KUPFER, Maria Cristina. *Psicose e autismo na infância: problemas diagnósticos*. *Estilos da Clínica*, 2000, vol. IV, nº 7, São Paulo: USP – IP, p. 96-107.

MEC / SECADI / DPEE. *Nota técnica nº4*, Brasília, janeiro de 2004.

MEC/ SEESP. *Política Nacional de Educação na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, janeiro de 2008.

MEIRA, Ana Maria Goelzer. *Algumas considerações a respeito do diagnóstico de autismo na infância*. In: *Escritos da Criança*, nº 5. Centro Lydia Coriat de Porto Alegre, 1996, p.73-8.

ONU. *Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência*. Brasília, setembro de 2007.

ORRÚ, Sílvia Ester. *Estudantes especiais: singularidades e desafios na prática pedagógica inclusiva*/ Sílvia Ester Orrú (organizadora). Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

RIBEIRO, Jeanne M. L. C. *A criança autista em trabalho*. In: *7Letras*, Rio de Janeiro, 2005.

RODRIGUES, Fátima. *A experiência de acompanhar crianças com autismo na escola: o desafio de des-fiar a forma da formação de professores*. In: *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 52, 2012 p. 70/75. Disponível em: <<http://seer1.fapa.com.br/index.php/arquivos>>

VIANA, Camila Rocha. *A Formação Docente em uma Perspectiva Inclusiva: Um Olhar sobre o Autismo*. Trabalho Final de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2013, p. 102.

VIETTA, Edna Paciência; LABATE, Renata C.; MORAES, Maria C.; RODRIGUES, Antonia R. F.; CRISTINA, Jane; BRAGA, Eliana Ap. P.S. *Técnica da complementação de frases como recurso para expressão vivencial do aluno em véspera de prova*. **Revista Latino- Americana de Enfermagem** vol.4 no.spe Ribeirão Preto Abril 1996. Disponível em: < [www.scielo.br](http://www.scielo.br) > Acesso em: 02/ 11/ 2014

## APÊNDICE

### Apêndice 1



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Educação  
Departamento de Teoria e Fundamentos

#### ***TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE***

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado (a) do objetivo geral da pesquisa *Criança com autismo na escola*, realizada por Letícia Oliveira Queiroz<sup>1</sup>, estudante do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB nº 10/0110924, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fátima Lucília Vidal Rodrigues<sup>2</sup>.

O trabalho consiste em observações feitas em sala de aula durante o ano de 2014 com professores (as) da escola e entrevistas semiestruturadas. As observações serão anotadas pela autora da pesquisa em seu diário de campo e as entrevistas serão gravadas, podendo ser usadas na íntegra ou parte delas no trabalho final de curso, artigos ou palestras decorrentes dessa investigação.

Minha participação é totalmente voluntária e será garantido o sigilo de meu nome e de todos os sujeitos participantes da pesquisa, como forma de preservar a identidade de cada um. Os benefícios recebidos serão em termos de produção de conhecimento, uma vez que possibilita refletir sobre os processos envolvidos no trabalho pedagógico com estudantes com autismo.

Informo que os dados e a identidade dos observados serão mantidos sob a reserva desta pesquisadora e não serão divulgados em nenhum meio impresso ou de discussão.

**( ) concordo em participar deste estudo**

Local e data:

Nome do (a) participante: \_\_\_\_\_

CPF ou RG do (a) participante: \_\_\_\_\_

Endereço do (a) participante: \_\_\_\_\_

Telefone do (a) participante: \_\_\_\_\_

E-mail do (a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) participante: \_\_\_\_\_

Apêndice 2

<sup>1</sup> Endereços para contato: Letícia Oliveira – E-mail: leticioaq@hotmail.com; 06199556296.

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fátima Vidal – E-mail: vidalrodrigues@yahoo.com.br.

## **ROTEIRO PARA ENTREVISTA**

### **Dados de Identificação**

**Nome:**

**Idade:**

**Tempo de secretaria de educação:**

**Formação acadêmica:**

**Tempo trabalhando com sujeitos com autismo:**

**Considerando a entrada de crianças com autismo na escola, ajude-nos a pensar sobre algumas questões, a partir da sua experiência nesta instituição:**

- 1) Qual a sua preocupação quando toma conhecimento da chegada de uma criança com autismo na escola? O que você julga mais importante saber sobre ela?
- 2) Qual a importância do diálogo com outros profissionais que trabalham com essas crianças fora da escola?
- 3) Como você vê o tempo diferenciado de algumas crianças com autismo na escola?
- 4) O que não pode faltar no trabalho pedagógico com crianças com autismo?
- 5) Quais as variáveis que possibilitam a ratificação da lógica de pertencimento de criança com autismo na escola fundamental?

**Complementação de frases:**

**O trabalho pedagógico do monitor deve priorizar...**

**O monitor está em sala de aula para...**

**A escola deve ser um espaço de... para as crianças com autismo.**

## Apêndice 3

**A íntegra das Entrevistas realizadas no período de 09 a 10 de outubro.****Monitoria Paola- 33 anos; 4 anos de secretaria de educação; formação em radiologia e cursando Pedagogia à distância; 4 anos de trabalhando com sujeitos com autismo.**

1) Qual a preocupação quando toma conhecimento da chegada de uma criança com autismo na escola?

R. Preocupação? Que ela não seja rejeitada pelos meninos e que ele consiga se adequar da melhor forma possível mais rápido, porque criança é um bixinho cruel, eles não perdoam, por mais bonzinhos que eles sejam, os mais fofos. Em determinados momentos eles não chegam nem perto, se eles se sentirem ameaçados então. E assim o autista né? Ele não tem a interação da forma que os outros têm e aí porque que eu vou brincar com ele se ele não vai fazer o que eu quero? Ele não vai responder o que eu quero. Eu vejo isso todos os dias, mesmo aqueles que já passaram desde fevereiro até agora. Se eles não tiverem a resposta que eles quiserem, eles não vão querer ficar perto.

1) O que você julga mais importante saber sobre ela?

R. Deixa eu ver. Eu pergunto sobre todo o comportamento dele. (risadas) Geralmente, eu pego a mãe, o que ele faz, o que ele gosta, como ele faz, porque chega pra mim ta cru ne? Então, eu pergunto tudo. Mas senta, porque eu não tenho, não sou como os professores, ninguém me dá um laudo e diz: Lê aqui e vê como é o aluno. Nem o relatório ninguém. Então, eu tenho que pergunta para os pais, perguntar para os professores anteriores: Olha ele faz como? Qual a atitude dele quando isso acontecia? Eu vou garimpando dentro da escola. Então, eu preciso saber tudo, é alimentação, se vai ao banheiro, se toma água sozinho, é muito difícil falar assim: Ah, ele escreve sem auxílio, eu não posso saber só isso. Ele consegue realmente, ele tem autonomia? Olha o Daniel é um que eu faço, agora a gente tá mexendo com a calculadora. Daniel é assim ta aqui a conta, você vai fazer aqui o,  $4 + 2$ , você vai escrever a resposta aqui pra mim. Posso fazer isso tranquilamente, que ele vai pegar todas as contas e vai fazer. Nosso outro amigo, ele não faz. Se eu não der comando de operação por operação ele não vai fazer. Ele não tem autonomia. Então assim, tem coisa que ninguém vai me contar, eu

vou ter que descobrir sozinha.

2) Qual a importância do diálogo com outros profissionais que trabalham com essas crianças fora da escola?

R. Eu acho essencial, porém até hoje também não tive. A gente até ensaiou marcar uma do Daniel mas. Eu acho essencial, eu trabalho de uma forma, aí quando eu vejo o dever de casa, mas como ele fez isso? Eu não sei. Caracas ele conseguiu fazer isso como? Foi só na base da cópia mesmo? eu acho essencial. A fono, tudo.

3) Como você vê o tempo diferenciado de algumas crianças com autismo na escola?

R. Eu acho até necessário. Não vejo nenhum problema, porque assim, parece mais cansativo para eles, muito mais cansativo. O horário de entrada e de saída na escola é muita zueira na orelha, acho que eles não ficam muito a vontade com isso. As vezes o Daniel me surpreende, eu falo de zueira teve um dia que a sala tava lá no tã do mercadinho e menino vem compra daqui tomate e grita que nem uma feira né? Aí eu olhei e falei: \_ olha só quem é o único que está fazendo seu dever tranquilamente. Nesse dia tinha muita zueira na sala e ele estava fazendo o dever tranquilamente. Cara, como ele consegue? Eu não consigo ouvir os meus pensamentos. Mas ele tava bem sentadinho, eu acho que ele tava com o quadro branco e mais fazendo as coisas, bem compenetrado. Tá, ele não tem tanto problema com barulho (risos) é só quando é conveniente também, O Daniel tem muita conveniência. Mas eu acho legal, eu prefiro que seja assim, eu acho mais produtivo para eles. Porque geralmente o aluno autista, ele não tem só a escola, nesse turno ele vem para a escola, no outro turno ele vai fazer atividade física dele, aí ele vai para a psicopedagoga, ele vai pra psicóloga, ele vai pra fonoaudióloga, essa criança coitada, deve ter atividade até umas sete horas da noite. Se ele passar todo o horário junto com os outros, o que vai sobrar desse menino no final do dia? Eu acho assim, o meu, ele tem pelo menos dois por dia, além daqui. Tem a mocinha aqui que ela fica aqui de manhã e a tarde ela vai para outra escola.

4) O que não pode faltar no trabalho pedagógico com crianças com autismo?

R. Paciência, dedicação, ser apaixonado por essas crianças, só. (a entrevistada fica emocionada nesse momento) A minha intenção em fazer pedagogia, não é tratar com típico, é tratar com especial. Não tenho a menor vontade de ficar que nem a Amanda (professora da sala que é monitora). Não tenho. A minha vontade é tratar com aluno

especial, não exatamente com autista, mas assim adoro, eu acho que é recompensador. É perfeito. No Centro você vê coisas assim que você não vê em sala de aula nunca.

5) Quais as variáveis que possibilitam a ratificação da lógica de pertencimento de crianças com autismo na escola fundamental?

R. Precisa de um professor que se dedique, que esteja disposto a trabalhar o aluno, a fazer um planejamento adequado, nós precisaríamos de mais monitores e não só a figura, a pessoa monitor está dentro de sala, ele também tem que está disposto. É o estar todo profissional que for lidar com este menino, estar disposto a isso. Estar disposto que ele cresça. Só disposição. Então é assim, professor, é o monitor, a sala ser reduzida, tem horas que eu olho assim e tá. A sala é reduzida, tem o número de alunos reduzidos? Tem, mas continua não funcionando. Tem alguma coisa ai que não tá certa. Ai coloca dois TJDs, ai coloca mais três DPAC, mas não sei quem, mas não sei quem. O professor acaba se perdendo também ne? São muitos atendimentos, são muitas crianças com necessidades diferenciadas, fica complicado. Além da escola estar preparada para isso, nada, nada, os pais deveriam ajudar também. E eu não digo os pais dos meninos dos autistas, porque se aqui é uma escola de inclusão. Os pais dos outros alunos tem que fazer um trabalho em casa também. Essa semana veio um menino a tarde e ele é autista. Vi a mãe e falei vem cá ele estudava na Escola, estudou com a minha filha. Qual o nome da sua filha? Hellen. Era aquela que ficava agarrando ele? Falei é a própria. Nossa, ela sempre tratava muito bem ele. Porque é assim que ele tem que ser tratado. A mamãe, ele me bateu. Porque minha filha ele não aprendeu a falar, ele tá tentando se comunicar com você. Ele não bateu em você porque ele é malvado, e os pais não passam isso. Então os pais geral um sentimento de medo na criança e a criança trazem para a escola e ai a coisa fica bagunçada. É trabalho comunitário, eu acho que é só isso.

#### **Complementação das frases:**

**O trabalho pedagógico do monitor deve priorizar...** Eu só penso no carinho, no afeto com o aluno, porque se você não tiver carinho pelo aluno, se você não gostar do aluno, não tem como você trabalhar com ele. (fica emocionada de novo)

**O monitor está em sala de aula para...** Auxiliar no que for preciso, tudo que for preciso.

**A escola deve ser um espaço de... para crianças com autismo.** Eu já acho que deveria ser para todo mundo de diversão, porque onde você tem prazer, onde você se diverte



you like to be and you want to be. It's not just for them, it's for everyone. It would be a place of pleasure, for entertainment.

**Professora Maria- Classe Especial; 53 anos; 16 ano de secretaria de educação; formação acadêmica em Letras Português/ Inglês e Pedagogia; 10 anos trabalhando com sujeitos com autismo.**

1) Qual a preocupação quando toma conhecimento da chegada de uma criança com autismo na escola?

R. A primeira preocupação é conhecer essa criança, o histórico de vida dela. Conhecer o relatório dela em outras escolas. Conversar com a família e realmente criar vínculo com essa criança.

1) O que você julga mais importante saber sobre ela?

R. Primeiro: conhecê-la, para saber qual o foco de interesse dela, fazer sondagem para ver o que ela traz de experiência, o que ela já sabe. A partir daí eu planejar e sempre voltado para a criança. Para o foco de interesse dela. Então eu acho que o mais importante é isso e depois eu me preocupo com o diagnóstico. Porque na verdade ela é uma criança e as crianças têm semelhanças independente da síndrome, os dessas particularidades, dessas singularidades.

2) Qual a importância do diálogo com outros profissionais que trabalham com essas crianças fora da escola?

R. Ah, é muito importante, porque a gente troca experiências. E a gente, o fato de você... É muito importante porque essa troca de experiência essa troca de experiência enriquece a prática. A gente cria estratégias diferenciadas, porque cada pessoa tem uma percepção, tem uma formação e assim, tem uma forma de criatividade, de planejar um material diferenciado. Então, eu acho que essa troca é extremamente importante.

3) Como você vê o tempo diferenciado de algumas crianças com autismo na escola?

R. Vai depender muito de que nível que ela está dentro do espectro. Se ela for uma criança que seja um autista bem leve, então ele vai ter um progresso mais rápido, ele vai avançar no desenvolvimento mais rápido, do que aquele aluno mais comprometido, aquele aluno que necessita de mais intervenções. Que o tempo de aprendizagem dele, é... Vai ser maior. Porque cada um do espectro, como o espectro é muito amplo, cada um é de um jeito, não tem como você precisar. Cada um tem uma maneira, tem uma estratégia de aprendizagem, tem é... Responde as intervenções de uma forma. Então,

qual a pergunta mesmo? Eu vejo que tem que ser muito respeitado esse tempo, que não dá... Você compara a criança autista com ela mesma. Você não tem como compará-la nem com outra criança típica, nem com outra criança autista. Então tem que ser um tempo muito respeitado, avaliado.

4) O que não pode faltar no trabalho pedagógico com crianças com autismo?

R. Não pode faltar material concreto, que o planejamento seja feito para ela, a individualização do planejamento, a individualização do material, isso é extremamente importante. Trabalhar também com material concreto, sabe. Também proporcionar, não pode faltar também vivências, momentos de interação com outras crianças, mais principalmente o material deve ser individualizado, planejamento individualizado.

5) Quais as variáveis que possibilitam a ratificação da lógica de pertencimento de crianças com autismo na escola fundamental?

R. Primeiro o ambiente. A escola tem que mudar, não é o sujeito autista que muda. É a escola e os professores, as pessoas que a acolhem, que devem mudar para recebê-la. Eu acho que isso é muito importante, porque a partir daí que a gente muda o contexto por ela ser, ter um funcionamento diferente. Então a gente muda todo o ambiente, a gente muda nossa maneira de ensinar. Ela vai se sentir incluída, ela vai se sentir pertencente aquele grupo. Porque para elas é mais difícil, do que para nós. Porque eles têm mais dificuldade justamente pelo próprio quadro, pelo próprio espectro, que eles têm uma dificuldade na interação, na questão da linguagem, na questão do uso do pensamento. Então pra eles é muito mais complicado mudar do que pra nós. Então eu acho que essa questão do ambiente, da contingência, é controlar o ambiente, o material, mesmo a receptividade das pessoas que vão atender esse sujeito aqui dentro.

#### **Complementação das frases:**

**O trabalho pedagógico do monitor deve priorizar...** A criança

**O monitor está em sala de aula para...** Atender a criança e também ajudar o professor

**A escola deve ser um espaço de... para crianças com autismo.** Crescimento, espaço de acolhimento, crescimento.

**Professora Fernanda- Classe Especial; 39 anos; 12 anos de secretaria de educação; formação acadêmica em Pedagogia/ especialização em Ensino Especial; 10 anos trabalhando com sujeitos com autismo.**

1) Qual a preocupação quando toma conhecimento da chegada de uma criança com autismo na escola?

R. Se eu to no regular a minha preocupação é que nível acadêmico ela tem. Quando eu to no regular. Se eu to em Classe Especial em conhecer realmente as peculiaridades dela.

1) O que você julga mais importante saber sobre ela?

R. Um pouco do histórico escolar dela e da relação com a família. Se a família aceita, se a família não aceita. Entendeu? De como é todo esse processo, porque é diferente você trabalhar com uma família que trabalha junto, que uma família que não joga no mesmo time. Entendeu?

2) Qual a importância do diálogo com outros profissionais que trabalham com essas crianças fora da escola?

R. Tipo terapeuta? É muito importante, porque a gente pode falar a mesma língua, adianta meu aluno fazer, um sei lá, uma terapia e ela seguir por uma linha e eu outra e a gente não consegui chegar em um objetivo. Eu acho que a gente tem que se conhecer, eu acho que a gente tem que conversar, visando sempre o aluno. Entendeu? Maior qualidade de atendimento ao aluno lá e aqui.

3) Como você vê o tempo diferenciado de algumas crianças com autismo na escola?

R. Eu acho que é necessário, por conta da tolerância deles. Não adianta, tem uma certa hora que, que adianta manter o menino que tá agitado, que tá, sabe? Mas eu acho assim que pra gente que dá aula de manhã, alguns alunos que tomam remédio, não deveriam estudar de manhã. Porque tem dificuldade para acordar, vem sonolento, tudo mais. Eu acho que a família tem que ver, qual o horário que o aluno rende mais, tá mais ativo. Que botar o menino pra matricular de manhã e o menino chegar dez e ir embora meio dia? Se bem que nesse ano não tem nenhum caso assim, mas eu acho que eles realmente precisam de um tempo diferenciado, tanto de entrada, quanto de saída. De entrada, eu acho até que eles conseguem aturar o momento da entrada, agora a tolerância depois do recreio, depois que já agitou, pra acalmar, regularizar. Eu acho que eles têm que ir

embora meia horinha mais cedo, tá bom.

4) O que não pode faltar no trabalho pedagógico com crianças com autismo?

R. Planejamento. A gente tem que planejar. Antes a gente tem que conhecer a criança pra saber, porque não dá pra gente chegar e embromar e fazer qualquer coisa. Eu acho que tem que ter planejamento, pra tudo, pra qualquer um. Planejamento, você saber direitinho qual é o objetivo que você quer atingir com aquela criança e trabalhar. E eu acho que o nosso atendimento não pode ser muito diferenciado, só porque ele é especial que eu vou ter que tratar de uma forma “especial”. Entendeu? Ele vai ter que seguir as regras de uma escola. Não sei, as vezes eu acho que eu sou muito brava, mas eles não estão, a gente não tá pensando em uma inclusão? Lá a gente não tem que tá toda hora passando a mão na cabeça, botando no colo toda hora. Entendeu? Se é pra todo mundo sentar, porque ele não senta? Ele tem que sentar, ele sabe sentar. Ele tem que aprender a seguir regras. Eu acho que a escola serve também para isso.

5) Quais as variáveis que possibilitam a ratificação da lógica de pertencimento de crianças com autismo na escola fundamental?

R. Eu acho que primeiro, as outras principalmente, é, as outras crianças tem que aceitar. Tem que ter aceitação das outras crianças. Antes da aceitação das outras crianças, eu acho que o professor tem que aceitar um aluno especial. Eu acho que a partir do momento que a gente aceita, que a gente vê aquele aluno especial como indivíduo. Que tá aqui, que tem os direitos também, eu acho que ele se sente mais acolhido. Entendeu? E começa a sentir mesmo parte da escola. Porque se a gente pega o aluno e deixa ele sentadinho no cantinho, sempre fazendo a mesma coisa, eu acho que ele nunca vai se sentir pertencente da escola. Eu acho que a gente aceitar, mas assim aceitar mesmo. Não, a tudo bem, pode botar na minha sala e a gente. Eu acho que a gente tem que tentar o máximo incluir esse menino nas atividades e é muito difícil isso. É muito difícil incluir um menino, incluir nas atividades mesmo, um menino que tá muito, a diferença acadêmica é discrepante. Então, eu acho que primeiro a gente tem que aceitar, o professor e as crianças, porque não adianta nada os outros excluírem, apontarem. Entendeu? Eu acho que se a gente aceitar, é um passo a mais pro menino se sentir mais, mais acolhido, mais pertencente.

**Complementação das frases:**

**O trabalho pedagógico do monitor deve priorizar...** A demanda do regente, o que o regente demandar para ele, ele tem que priorizar.

**O monitor está em sala de aula para...** Auxiliar o regente com o aluno especial.

**A escola deve ser um espaço de... para crianças com autismo.** De alegria, um espaço de alegria, um espaço de para as crianças com autismo, de alegria mesmo, de satisfação, um espaço de crescimento.

**Professora Amanda- Turma inclusiva; 39 anos; 17 anos de secretaria de educação; formação acadêmica em Pedagogia Magistério; 1 ano trabalhando com sujeito com autismo.**

1) Qual a preocupação quando toma conhecimento da chegada de uma criança com autismo na escola?

R. Bom, isso tudo está sendo muito novo pra mim. Embora minha formação seja em na área de ensino especial. Eu sempre trabalhei com deficiência intelectual, com autismo é minha primeira experiência. Em ensino regular, eu não tinha nenhuma expectativa, eu vim pra ser coordenadora, eu achava que ia ficar com coordenadora, então quando eu cheguei em sala de aula, ela já estava posta, então eu não tive que criar expectativa, mas eu tive que trabalhar com ele. Então não tinha expectativa, só questão do novo a ser descoberto, como se trabalhar, como atender esse aluno, como dar aquilo que ele precisava.

1) O que você julga mais importante saber sobre ela?

R. Ai, é saber como ele se organiza, como ele aprende, porque ai eu posso fazer uma intervenção mais adequada. Só partindo do aluno, da necessidade dele, que eu posso elaborar meu planejamento. Então, eu preciso conhecer esse indivíduo, pra saber o que acontece com ele, pra saber o que eu preciso trabalhar com ele.

2) Qual a importância do diálogo com outros profissionais que trabalham com essas crianças fora da escola?

R. Fundamental. Primeiro porque como os dois alunos que eu tenho, um tem ecolalia, só repete constantemente, então dificulta a gente entender, qual a necessidade dele. E o outro a oralidade é bastante reduzida, então as pessoas do convívio diário, pai e mãe são fontes riquíssimas de informação, profissionais que já atuam com eles, que já sabem modos operantes deles. Eles trazem uma bagagem muito boa pra gente. Então eu acho que é importante que a gente esteja em contato com todas as pessoas que tem acesso a essa criança. Porque a gente constrói uma teia de informações e a gente pode traçar um perfil desse aluno. Então é fundamental.

3) Como você vê o tempo diferenciado de algumas crianças com autismo na escola?

R. Bom, eu não vejo só do autismo, eu acho que todas as crianças que todas têm seu

tempo e do autista às vezes é maior. No caso dos meus alunos, eu to desenvolvendo o currículo deles do primeiro ano que é um direito garantido a eles, de adequação curricular. Então, hoje dentro da secretaria de educação nós trabalhamos com uma abordagem que é a histórico cultural, então qual é o grande molde dela, que cada um se desenvolve a sua maneira, no seu tempo de acordo com o meio e as pessoas com que ele vive fornecem. Então dentro de sala de aula eu tenho 16 alunos, são 16 formas de aprender e eu tenho que lidar com cada uma delas. É importante, com certeza. Sim, é uma necessidade deles, o meu aluno mesmo o Daniel, quando dá 11:30, ele já troca a ficha de sair e que a gente tem a rotina estabelecida e foi algo que eu aprendi com os professores da classe especial, eu não conhecia, vi que os colegas utilizavam esse trabalho e ai eu fui e montei a minha em sala de aula, mas foi a partir da experiência de outros professores, outros colegas. Quando dá 11:30 é saída e pronto acabou, eu vou reter esse aluno pra que? Se eu consegui fazer, desenvolver com ele atividade do dia, se ele já me deu o máximo dele, pra que eu vou ficar insistindo? Pra ele ficar irritado e ai eu perder o que eu já ganhei? Não vale a pena, não faz sentido, eu acho que a gente tem que trabalhar com o que o sujeito me fornece. Se aquele é o limite dele, não adianta eu ir à adiante. Porque eu só vou estar estragando até onde eu cheguei.

4) O que não pode faltar no trabalho pedagógico com crianças com autismo?

R. Eu acho que o que não pode faltar no trabalho da educação é a cognição-afeto. A gente tem que entender que o trabalho educacional é um trabalho que exige que você vá ao encontro do outro, que você se coloque no lugar do outro e que você veja ele como um sujeito de possibilidade e que essa possibilidade não é aquilo que eu determino é aquilo que o sujeito me diz. Então, eu acho que isso é fundamental e entender que eu estou lidando com seres humanos ne? Que ele tá num ambiente, que ele tá buscando, está tentando assim como eu, então é feito de erros, de aceitos e erros. E o que eu acho importante é que aja momentos de coletividade, eu sei que nem todas as atividades dá pra gente fazer junto, mas eu acho que pelo menos uma, ele tem que fazer parte do grupo e o grupo tem que sentir que ele tá ali. Então são momentos que são assim, as vezes é uma história, as vezes é uma atividade com cobranças diferenciadas, mas a atividade é a mesma, para que ele saiba que ele faz parte de um grupo. Que mesmo no seu isolamento, ele não tá sozinho, ele tá dentro de um grupo. É isso.



5) Quais as variáveis que possibilitam a ratificação da lógica de pertencimento de crianças com autismo na escola fundamental?

R. Minha variável se chama Paola, é uma monitora fantástica que eu tenho. Porque o que acontece, o autista ele não tem autonomia, o meu aluno sem a deficiência, eu falo pra ele: - Olha. Eu explico a atividade pra ele e ele vai sozinho. Então eu posso ir pra próxima mesa. O meu aluno autista, eu explico pra ele e ele não vai sozinho, eu preciso que ele seja acompanhado constantemente e quem faz isso pra mim, é a Paola, minha monitora. Ela é fantástica, o trabalho dela é pedagógico. Eu sei que hoje de acordo com o contrato dela, ela é técnica, então era pra ela levar o aluno ao banheiro e falar: - Faça isso. E ela vai além, o que eu agradeço imensamente, porque eu não consigo atender, a demanda dos outros da minha sala e tá constantemente ao lado dos meus dois alunos e ela faz esse papel pra mim e faz maravilhosamente bem. Então a inclusão, o trabalho acontece na minha sala, porque eu tenho uma parceira, maravilhosa que é a Paola, sem ela realmente meu trabalho ficaria muuito, muito, extremamente comprometido.

#### **Complementação das frases:**

**O trabalho pedagógico do monitor deve priorizar...** O aluno, sempre

**O monitor está em sala de aula para...** Dar apoio ao aluno

**A escola deve ser um espaço de... para crianças com autismo.** Construção, organização, planejamento, se replanejar, se organizar. A escola deve ser algo que esteja em constante mudança e quem faz acontecer essa mudança e a resposta que eu tenho em sala de aula, se eu fiz algo e deu certo, então eu vou investir naquilo, se eu fiz e não deu certo, eu vou investigar porque não deu certo e reconstruir. Então a escola é isso, essa constante mutação, essa constante busca pelo interesse do aluno, buscar tornar esse espaço interessante pra mover estruturas pra que ele possa aprender.

**Orientadora da escola-Glaucia; 50 anos; mais de 20 de secretaria de educação; formação acadêmica em Pedagogia/orientação educacional; 16 anos trabalhando com sujeitos com autismo.**

1) Qual a preocupação quando toma conhecimento da chegada de uma criança com autismo na escola?

R. As condições da escola, se a escola tem as condições necessárias pra receber esses alunos. A estrutura da escola pra receber esse aluno, que estrutura é essa? Uma sala específica pra se ele não estiver bem no contexto que ele tá, uma sala, leva pro parquinho, leva pra um outro lugar, do tanto que esses lugares agreguem um conhecimento pra ele, que esteja desenvolvendo alguma habilidade né? Que não só em sala de aula, aquela sala formalizada, mas nós não temos essa estrutura.

1) O que você julga mais importante saber sobre ela?

R. Qual a característica dela mesmo sendo autista, mesmo sabendo que existe algumas características que são, como é a palavra, não é igual, mas você como já tem uma certa vivência seria, não seria tão diferenciada quanto dos outros. Tipo, se ele tem um comportamento agressivo, a receptividade dele no meio social, como ele tá, porque tem uns que são mais brados, outros são mais agitados, são mais esquivos. Tudo isso. E outra coisa se existe acompanhamento extra né? Extra escola, que são acompanhamentos psicológicos, radiológico, médico, então, tudo isso é necessário pra escola saber.

2) Qual a importância do diálogo com outros profissionais que trabalham com essas crianças fora da escola?

R. Logicamente agregar conhecimento, porque quando você agrega conhecimento você lida de uma outra forma, você começa a entender por um outro âmbito. Então isso é interessante, não só pra autismo, mas qualquer outro aluno. Se você tem o conhecimento mais diferenciado, porque não aplicar, porque não ajustar. Isso é super interessante.

3) Como você vê o tempo diferenciado de algumas crianças com autismo na escola?

R. Acontece o seguinte, dentro da modalidade de ensino, da estratégia da secretaria de educação, esse menino quando completa 15 anos, ele não tem que ficar na escola, ele

tem que ir pra um Centro de Ensino que agregue de 6º ano em diante. Que você leve em consideração até da questão que já entrou na adolescência. Então vivência com adolescente, com outra realidade, principalmente nesse âmbito do desenvolvimento físico dele. Tá? A gente sabe que o desenvolvimento acadêmico existe um certo retardo. Como assim? Dificilmente você pega um menino autista e ele acompanha o ciclo, o ano que ele realmente deveria estar. Sempre existe uma adaptação curricular, mas não pra aquele ano, sempre existe. Então assim, esse diferencial, eles tem, nem um é igual ao outro. Existe uma certa semelhança em algumas características, semelhanças, mas nós já tivemos meninos aqui de diversas características com autismo, diversas. E que a gente vê assim no trabalho você vê aos poucos ele vai apresentando uma resposta, aos poucos, mas ele apresenta.

Porque de horário é o seguinte, pra ele sair mais cedo, com relação a horário, existe um ajuste, né? Então assim, a gente tem que justificar, ele tá saindo, ele é uma criança que ele sai mais cedo, por quê? Porque a tolerância cinco horas em uma escola já era. Não dá, não tem como, conceber isso. Então se é pra ele sair cinco ele não sai cinco, ele sai quatro. Então eles têm essa abertura pra esses meninos. A gente faz um ajuste com a família também, escola e família. Por quê? Porque eles tem um horário, uma hora aula pra ser cumprida aqui dentro. Então geralmente, geralmente existe um documento que fala que a criança está saindo tantas horas devido a tolerância, tudo isso. Porque é pra se respaldar, e são essas horas aulas que devem ser cumpridas no ciclo do ensino fundamental.

4) O que não pode faltar no trabalho pedagógico com crianças com autismo?

R. Eu acho que o que não pode faltar é um ambiente diferenciado pra esse menino se dirigir em alguns momentos. E esse ambiente diferenciado seria uma sala de jogos, jogos didáticos, então ele vai se entreter, que ele vai brincar, que ele vai se socializar com algumas brincadeiras, vai desenvolver alguns conteúdos com aqueles jogos. Sabe, uma quadra, a gente precisaria de uma quadra da escola, e vou levar ele pra quadra, ele vai jogar, principalmente quando ele chega tão, tem dias que eles chegam muito ou muito agitados ou muito fragilizados, sonolento, tudo isso, cansado até também.

5) Quais as variáveis que possibilitam a ratificação da lógica de pertencimento de crianças com autismo na escola fundamental?

R. Pra ele vir se deduz o seguinte, o aluno para entrar na escola, ele passa por uma

análise de uma equipe de atendimento né? Psicólogo e pedagogo. Que vão fazer uma avaliação dessa criança, dessa característica dessa criança. Se ele vai ingressar em classe especial ou se ele vai ingressar em classe regular com inclusão. Tá? Geralmente, em classe especial, por quê? Pra ele ir adquirindo, ser trabalhando nele algumas atividades básicas desse menino. As famosas aviais, avds. Que ai é onde ele vai adquirir autonomia, pra ele passar pra outra turma com mais alunos. Então pra ele se deparar com uma turma maior, esse enfrentamento de diferenças maiores na turma. Tem meninos de todas as características, por mais que a escola acentua a questão do respeito das diferenças, mas menino é menino. Então assim tem que chegar e outra coisa pra ele chegar até aqui, como ele tem uma, ele é uma eterna caixinha de surpresa. Então de repente a gente acha que ele não sabe nada, a de repente ele demonstra, sabe nada entre aspas, né? Então ele demonstra um certo conhecimento, ai naquilo você já pega o gancho, vou trabalhar isso, já sei que você sabe isso, bora. Então já sei que você sabe, porque na hora que você quer que ele demonstra, ele não demonstra, ele vai demonstrar mais adiante, tá? Então assim, a questão dele seguir o ciclo do ensino fundamental é básico, porque tem a questão da própria idade, o ciclo obedece a idade. Ah, mas as características dele, mas de repente bora trabalhar alguns conhecimentos e algumas coisas básicas pra ele, que ele vai, explorando esse menino. Então quando ele chega até aqui ele passa por todo uma equipe, geralmente esses meninos, eles vem de escola particular, a sua maioria de escola particular. Então ele passa pela equipe, a equipe faz um acompanhamento, uma análise com ele. Aí quando ele entra na escola, ele tem um outro estudo que o famoso estudo de caso. Que aí todo menino tem que ter também. Todo aluno especial que entra na escola, ele entra com indicação do ensino especial, ele não entra aleatório. Exceto quando eles vem pelo 56 que um terror, quando chega aqui na escola e é observado com alguma coisa muito gritante, que não dá pra adequar ele na turma, ele não se ajusta, a gente encaminha pro atendimento da equipe de atendimento psicopedagógico e ai esse atendimento vai fazer um estudo de caso com ele, que ai observa esse menino na escola, observa, chama a família e ai faz um relato. Que não seria de classe regular, porque quando entra por um 56, geralmente cai em classe regular, como aconteceu com o Gilberto do 1º ano. Então assim essa, tá sempre sendo feito, eu estou observando que esse menino ele está adquirindo autonomia, ele já dá pra pertencer a uma turma regular, outro estudo de caso que é pra ele não ir aleatório. Porque assim na verdade, nós não temos estrutura adequada, a gente inclui, mas são discussões e mais discussões, mas pra esse menino vivenciar algo de acordo com a

característica dele, que atenda realmente a característica dele, essa inclusão tem muitas falhas, muitas falhas, principalmente estrutural, sabe? Estrutural que eu falo é física, a escola. Ele chega agitado, então tá, você não quer fazer isso? Você vai pra uma sala de computação, aí tu vai dizer tem computador aqui? Tem computador aqui. Quem vai? O monitor? Agora a gente tem monitor, mas é uma discussão que a gente já tá travando, o ano que vem ninguém sabe. Aí tu vai dizer, o ano que vem é outra coisa, o ano que vem não é garantia de nada. Todo ano é assim, não existe uma política de sequenciação, a gente já sabe o que vai acontecer, a gente não sabe, mesmo independente do governo. Ah, vai mudar governo, agora porque realmente vai mudar, mas independente disso. Então pra vir monitor é uma briga. Não pense que o monitor tá aqui, porque ah, todo mundo achou, não é briga, é reunião, é discussão, é promotoria, tudo isso, até chegar alguém aqui. É dose. Os direitos existem, pra isso existe uma lei maior que te assegura. Só que pra ela vigorar, tu tem que correr atrás e brigar. É isso que acontece, é isso que a gente enfrenta no dia a dia. Que pra mim é uma escola altamente desestruturada, é tá. Ah, mas ela é inclusiva, porque a sociedade é bem diferenciada, eu tenho que atender, eu tenho condições necessárias pra atender todo mundo. O que não é visto, na verdade o ensino na escola ele não é visto como uma sociedade que tem inúmeras diferenças e que a gente teria que ter uma outra estrutura pra receber esses alunos, não é só esses com autismo, todos eles, todos eles.

### **Complementação das frases:**

**O trabalho pedagógico do monitor deve priorizar...** O atendimento direto com o aluno. O atendimento direto ao aluno. O que eu ia dizer que ele deve priorizar o acompanhamento da professora em sala, então na verdade a professora que decide esse posicionamento do professor.

**O monitor está em sala de aula para...** auxiliar a criança em diversos aspectos, a questão de dever de sala de aula, as vezes monitorar a criança quando vai ao banheiro, então tudo isso, na verdade é resguardar a criança de algumas coisas, segurança pra ela, porque passa saindo de sala de aula, a questão dela ficar sozinha, de acontecer alguma coisa com ela, o nosso receio também é esse, porque são muito fragilizados, nosso receio é esse. Uma das nossas alunas vai ao banheiro, mas se ela quiser ela abre a torneira e fica lá no banheiro. E aí? Tem que ir lá tirar ela. Na sala de aula ela faz, faz, mas tem que ter monitoria. Aluna olha aqui, se não ela vai cantar, ela canta legal, ela canta, ela lê, ela faz tudo, menos o que ela tem que fazer, mas ela dá conta, ela dá conta,

mas ela tem que ser monitorada pra isso. Essa dependência, eles correm atrás dessa dependência desse aluno. Ele vai ter as dificuldades deles? Ele vai ter, mas ele vai sentar e aí ele vai fazer legal. Por mais que as vezes eu dei alguma instrução, mas a gente corre atrás dele ficar independente, dele ter independência de ir ao banheiro, de fazer a higiene devida dele. Então essas coisas, coisas básicas do dia a dia.

**A escola deve ser um espaço de... para crianças com autismo.** Cara, eu acho que um espaço que proporcione o desenvolvimento dessa criança, dessa integração, eu acho que de integração, porque com a integração ela inclui uma série de coisas acima de tudo.

## Apêndice 4

### 1ª observação- turma inclusiva

A professora estava na porta da sala recebendo todos com um beijo. Dois professores e uma estagiária do PIBID de uma turma da classe especial, assim que eles chamam as turmas que tem apenas autista, estão fazendo vivências na turma e ficam em sala junto com todo o restante da turma.

Quando chegam à sala fazem o calendário, o clima e o humor da turma. Cada criança tem no calendário do mês e vão acompanhando. A professora ajuda que o Daniel pegue o caderno e faça o seu calendário, a monitoria chega e senta ao dele. A professora faz a agenda, logo depois pergunta se alguém não tomou café e distribui alguns biscoitos. Faça a chamada com as placas com nome e foto de todas as crianças e conta o total de meninas e meninos na turma. A educadora pede para um aluno da classe especial para contar os meninos.

Chega a hora da história que é uma piada, enquanto discute sobre isso, o Matheus chega e senta perto do Daniel. A professora premia os alunos que acertaram mais no ditado com moedas de chocolate e o Daniel também ganhou. Depois disso, eles recebem uma cruzadinha com as palavras do ditado. O Daniel também fez a atividade com a ajuda de um mini quadro branco e da ajuda da monitora. A professora vai andando pela sala ajudando os alunos com dificuldade e senta perto de Matheus para ajudá-lo também. Outras atividades são distribuídas para quem foi terminando.

Dá a hora do lanche e as crianças saem para lavar as mãos e depois lanche. Com a ajuda da monitora para abrir apenas para abrir o biscoito e depois lancham sozinhos e guardam suas coisas. No recreio o Daniel não interage com as outras e fica perto da sala e o Matheus fica perto das outras crianças, algumas vezes brinca com elas.

Após voltarem do recreio tem o momento do relaxamento. Na mesa do Matheus e do Daniel tem colado na parede um papel que indica que atividade deve estar sendo feita. O Daniel estava organizando e colocou a ficha de jogos e um dos colegas falou que não era hora de jogo. Daniel se levantou e deu alguns socos no colega, nesse momento a professora interferiu, disse ao Daniel que não podia fazer isso e pediu desculpas ao colega. Daniel passa as mãos sobre o ombro do colega e os se sentam. A

professora explica para a criança que não pode mexer nas coisas do colega, que ele não gosta que saiba que ele fez errado, mas pede para que a criança não mexa mais nas coisas do outro amigo. Novamente Daniel levanta e passa a mão sobre o outro coleguinha e professora diz que está tudo bem, que já pediu desculpas.

Teve o momento do correio, que as crianças mandam e recebem cartas da professora e dos colegas. O Daniel havia escrito uma carta à professora e depois de entregar todas as cartas e cada criança ler as que receberam, voltaram a fazer a atividade. O Matheus foi o primeiro a ir embora. Quando acabou a atividade o Daniel ficou mexendo no tablet, escutou uma história que a monitora contou e arrumou as coisas e foi para o pátio esperar que seu pai chegasse para buscá-lo.

## **2ª Observação**

Teve a entrada como de costume. O Matheus não veio e o Daniel estava com a monitora. Antes do momento da história o Daniel brinca com a monitora. Na história tem um problema matemático, o Daniel resolve com o auxílio da monitora, utilizando um número menor que o restante da turma e usando um mini quadro branco.

A turma da Classe Especial continua acompanhando e nesse dia o Luis também estava na sala, mas devido ao barulho ele e outra criança ficaram muito agitados e os professores resolveram voltar para a sala. Em um desses momentos de maior barulho em sala, a professora pede que as crianças lembrem-se dos combinados de “respeitar o próximo” e completa dizendo para diminuir o barulho por causa do Luis.

Durante a atividade a monitora comenta com a professora a resposta do Daniel, percebo que apesar de nem sempre sentar e acompanhar de perto esse aluno a regente dessa turma sempre está interessada no seu rendimento e sempre cita o aluno como qualquer outro da turma.

As crianças vão ao quadro corrigir o dever de casa e a professora chama a monitora para ir junto com o Daniel ao quadro. Com auxílio de sua monitora e dos dedos responde corretamente a conta. Enquanto está corrigindo as contas dos estudantes no quadro, tem uma criança que sempre responde primeiro que os outros colegas e ultrapassa até mesmo a fala da professora, que apenas brinca com a rapidez dele.

Depois fizeram uma atividade sobre os tipos de família de um livro e em grupo



tinham que recortar das revistas as imagens que correspondesse ao tipo de família. Um dos tipos era sobre a família ser fortes e as crianças recortaram muitas comidas e imagens de pessoas comendo. Achei genial como eles entenderam da família ser forte, mais ainda da professora não ter deixado o trabalho dessa forma e ainda ter elogiado.

Chegou a hora do lanche, todos estavam sentados em grupo um dos colegas que estava no grupo do Daniel ao ver que a monitora tinha ganhado uma uva dele, estica o braço na intenção que ganhe também. Porém o Daniel continua ser fazer nada e outra criança que também estava no grupo fala com ele para dar a uva para o outro colega e o apesar disso ele continua comendo as uvas e acabando terminando. A monitora explica para o menino que pediu a uva que ele deveria ter falado e não apenas ter esticado a mão.

No recreio o Daniel não interage com as outras crianças e fica apenas com a monitora. Após o intervalo todos da escola ensaiam para a festa da família, logo depois vão para a sala dos professores da classe especial para ensaiar a música que vão cantar no dia da festa. Na hora de voltar para a sala uma menina tenta brincar com o Daniel, ele acabou batendo nela. A professora interferiu e perguntou se a criança tinha se machucado. Daniel abraça a colega e faz carinho no seu ombro.

Quando voltam para a sala continua com a atividade, na hora de escrever o nome do grupo na folha um dos meninos escreve bem grande e ocupa bastante espaço. A monitora diz indignada que até entende o Daniel fazer isso, mas que ele não. Outra criança completa e diz que o Daniel pode, a monitora comenta que “não é isso”, mas não explica para as crianças porque falou daquela forma. Quando todos os grupos terminaram, todos voltam para seus lugares e a professora ajuda o Daniel com outra atividade. Porém a atividade é interrompida pois o pai do Daniel veio buscá-lo, antes de sair ele beija alguns colegas, a professora e a monitora a pedido da monitora e sai mais cedo que os outros colegas.

### **3ª observação**

Entrada como de costume. O Matheus e o Daniel fazem atividade com a monitora, enquanto a professora faz com o restante da turma. A monitora sai rapidamente da sala e o Matheus sai da sala correndo e depois volta.

A professora passa uma atividade e distribui uma calculadora para cada criança.

Quando o Daniel recebe a calculadora, tenta devolver para a professora que diz: - Bora Daniel. E ele continua com a mão esticada para devolver. A monitora então, explica que a calculadora é para ele fazer a atividade.

A regente da turma precisa resolver um problema com a outra professora, distribui os livros para as crianças, mas desisti e pede para que eles continuem mexendo na calculadora. As crianças adoram, mas antes de ir ela fala para todos manterem um nível do barulho, porque o Matheus e o Daniel agradecem.

O Daniel dá um tapa na monitora, ela diz que não pode e que se deve fazer carinho passando a mão em seu rosto. Depois abre os braços e fala que assim que é, Daniel abraça a monitora.

A professora volta, conversa com a monitora para saber como os meninos estão. Ela responde que está tudo bem e depois pede que o Daniel mostre o quadro onde responderam para que a educadora possa ver. Ela pega o quadro e vai até a mesa do Daniel para corrigir junto com ele. A monitora diz para a professora que liberou o Daniel para mexer no tablet, pois ele já havia terminado a atividade e a educadora concorda.

Todas as crianças saem para lavar as mãos como de costume e voltam para lanche. O Daniel come suas uvas e fecha os olhos aparentemente apreciando o sabor da fruta. No recreio como geralmente acontece o Daniel fica com a monitora e o Matheus brinca com as outras crianças.

Após o recreio e o relaxamento a professora passa o desafio para as crianças que tinham que descobrir quantos “BIS” tinha na caixa. Todos falam um número e a monitora fala um pelo Daniel e o Matheus. Quem acertou foi o Daniel que ganha todos os chocolates e distribui para os colegas.

Depois teve o momento da história, que tinha um probleminha matemático para resolver. A professora ajuda o Matheus. Sento perto da monitora e ela me conta que o Daniel já deu umas cabeçadas nela e que o Matheus apesar de parecer tão calmo e doce também já deu alguns tapas nela. Ao terminarem a atividade o Matheus vai embora e o Daniel joga no tablete e quando chega o momento de ir embora, troca o papel da rotina para o momento da saída.

#### **4ª observação**

Rotina inicial. Atividade de montar um acróstico com a palavra “OUTUBRO”. A ajuda o Daniel e o Matheus a fazerem, enquanto a professora passa nas outras mesas ajudando as crianças.

Quando terminar está na hora do ditado, com uma sacola cheia de objetos a professora mostra e fala o nome de cada um para as crianças. A monitora repete as palavras para o Matheus que faz sozinho e com o Daniel, ela pega fichas com as palavras e ele escreve na folha.

Depois de irem ao banheiro lavar as mão e lancharem, toca a música e as crianças saem, nesse momento na porta o Daniel bate em uma colega que diz: - Não pode bater, carinho. Ele não faz nada e vai passar o recreio com a monitora. Nesse dia o Matheus ficou brincando sozinho.

Quando todos voltam tem o momento do relaxamento, o Daniel bate na monitora e depois faz carinho. Um dos colegas que estava deitado junto com o Matheus o ajuda a levantar e a vai até sua mesa de mãos dadas.

O Daniel começa a chorar, a monitora olha para mim e diz que ele está irritado. Pergunto o motivo e ela comenta que ele já quer ir embora. O choro não dura por muito tempo e quando termina a atividade ele fica mexendo no tablet e depois que todas as crianças terminam, juntasse em grupos e começam a brincar de um jogo de cartas sobre um mercadinho. No grupo do Daniel a monitora auxilia e nos outros a professora da Classe Especial e a professora regente da turma. Antes de começar esse jogo o Matheus já vai embora.

#### **5ª observação**

A entrada como de costume. Correção do dever do dia anterior de matemática. Quando a professora fala que eles iriam fazer um desafio de matemática, todos gritam: - Nããããooo. E professora lembra-se do trato que fizeram de não grita com a professora da Classe Especial que está fazendo vivências na turma. Nesse dia ficou outro monitor com o Matheus e a monitora continua com Daniel e brinca com ele. A monitora fala o número pelo Daniel e outro monitor pede que o Matheus fale um número e depois pede que ele fale mais alto.

Uma das crianças da Classe Especial fala alto e ri no fundo, uma das crianças da turma comenta com outro colega: - Hoje ele tá feliz. Depois eles tiveram outro desafio de matemática. A professora regente fala: - O nosso combinado foi levantar a mão sempre que quisesse falar e já tinha cinco aqui falando comigo. Só fala isso depois que todas as crianças já se sentaram. Logo após vai de mesa em mesa para auxiliar na atividade. Na hora do lanche, conversou com ela e ela comenta que os alunos faltam muito, que desde Abril quando assumiu a turma era a terceira vez que todos os alunos estavam presentes. Perguntei qual era o motivo e ela apenas diz que havia vários.

No recreio o Matheus ficou com os monitores e outras crianças e o Daniel como sempre ficou com a monitora. Na hora do relaxamento o Daniel fica na mesa com a cabeça baixa e as outras crianças no chão. Quando voltam a fazer atividade, a professora ajuda o Matheus e a monitora ajuda outra criança. Após o término da atividade as crianças brincam com um jogo utilizando o material dourado e o Matheus e o Daniel montam um quebra cabeça até momento em que seus pais cheguem.

### **1ª observação- Classe Especial**

Depois que é feita a entrada no pátio com todos os alunos por uma professora, todos vão para suas respectivas salas. Nesse dia havia 6 crianças, 4 eram turma, 1 era da classe inclusiva, mas no dia da Escola Parque ficava na “classe especial” e a outra criança era da outra turma, mas os professores tinham trocado por questão de afinidade da criança com a professora. Quando eles chegam deixam suas mochilas penduradas onde tem a foto de cada um e colocam suas agendas, garrafas de água e estojos em uma vasilha. Depois que todos já estavam sentados, uma das professoras ainda não havia chegado, a outra deu “BOM DIA” para cada criança e pegou nas mãos delas. Montaram a rotina que era: entrada, agenda, banheiro, atividades, banheiro, lanche, recreio, passeio, relaxamento, atividades, brinquedos e saída.

Luís se morde e a professora Fernanda faz carinho em sua cabeça. O Fernando se levanta e a professora pergunta o que foi ele vai até a rotina e arruma as plaquinhas. A professora agradece e ele volta a sentar. Depois eles fizeram o calendário, a professora pergunta “se ontem foi terça-feira hoje é?”, o Gustavo responde que é quarta-feira. A professora o parabeniza e depois eles cantam a música do dia e apenas algumas crianças cantam. Depois é a hora da chamada, a professora pega a uma plaquinha com o nome de cada criança. Quando a outra professora chega Gustavo levanta para dar um beijo nela, que é retribuído com muito carinho o beijo. Depois ter feito a contar a

quantidade de alunos na sala e mostrar com os dedinhos. Uma das professoras organiza em várias mesas as diferentes atividades. Nesse momento o Gustavo lembra que está na hora de ir ao banheiro, a professora concorda e todos saem.

Quando voltam sentam em nas mesas com atividades diferentes para fazer, alguns com auxílio das professoras e outros com as monitoras e alguns com atividades que não são de escrita fazem com autonomia. O Fernando estava fazendo o auto ditado e a palavra era “cadeira” e ele pergunta “cadê a palavra “sentar”?”. A professora vai até o quadro e escreve a palavra “sentar” e o Fernando copia. Gabriela chega atrasada e a professora Fernanda pede que ela vá para a sala do outro professor, ela se recusa e diz que não quer ir e a professora aceita que ela fique, mas se fizer os exercícios.

Gilberto termina a primeira atividade e a monitora pede que faça uma tarefa e ele se recusa dizendo que “não quer”, ao ouvir isso a professora Fernanda conversa com ele e deixa- o que faça outra atividade, mas que depois terá que faça a tinha recusado e no final o aluno faz as duas.

As professoras vão passeando pelas mesas e auxiliando as crianças nas dificuldades. Gabriela cria frases e escreve as palavras e a professora pede que leia, ao ler ela começa a rir por perceber que a frase não está correta, pega a borracha, apaga e reescreve. Saulo joga um jogo de frutas utilizando pinças, na atividade ele tem que colocar em local que parece uma torta a quantidade de frutas que está escrita. Ao pegar umas frutas ver Saulo comenta que são morangos verdes.

Chega a hora do lanche e as crianças começam a dizer que querer lanche, após lavar as mãos, senta em suas cadeiras e lancham. O Saulo não enxerga o colega e pergunta por ele e um coloca responde apontando onde está o amigo. Chega a hora do recreio, o Fernando fica na sala e outras crianças saem. Saulo imita muito dos movimentos do Gustavo que brincam por todo o pátio com outras crianças e sozinhos. Gilberto corre pelo pátio e Gabriela brinca sozinha. Na hora do recreio a mãe do Luis vem buscá-lo.

No final do recreio a Gabriela derruba um ferro de uma porta e a professora a proíbe de ir para o passeio, as crianças vão andando pela quadra próxima a escola e se encantam pelos brinquedos que tem em salão para crianças. Ficamos por alguns minutos lá para que as crianças brinquem e voltamos para a escola. Ao voltamos a Gabriela estava na outra turma e fizemos o relaxamento. O Saulo sempre imitando o Gustavo e sempre querendo fazer as mesmas coisas que o colega. Nesse momento o Gilberto não quer entrar na sala de jeito nenhum e a monitora tenta o fazer entrar, mas diz que não

quer. A professora conversa com ele e diz para irem molhar um pouco a cabeça e beber água, ao voltarem entram sem nenhuma resistência e a educadora fica ao seu lado.

Quando acabou o relaxamento todos foram escovar os dentes e novamente Gilberto só foi depois de conversar com a professora. Ao voltarem sentaram e fizeram mais atividades e quando terminaram pegaram brinquedos e livros para esperar os pais chegarem. Cada um foi embora em hora diferente, aos poucos os pais iam chegando.

## **2ª observação**

No primeiro momento teve a agenda e dessa vez cada um tinha na sua mesa e de acordo com o que professora falava eles procuravam qual era a ficha que estava escrita a próxima atividade. Hoje só estava na sala o Gilberto, Fernando e o Gustavo. A Gabriela está doente e o Saulo estava na sala do 2º ano até o recreio e o Gilberto ficou na sala e depois do intervalo eles trocaram. A monitora acompanhava o Gilberto e as duas professoras com as outras crianças.

No momento da atividade o Fernando começa a fazer um monte de círculo no lugar que era para escrever. A professora Maria elogia seus círculos e diz que se é isso que ele quer fazer vai pegar uma folha para ele fazer isso. Coloca várias folhas na mesa e começa a trabalhar as várias formas geométricas, quantidade e o nome das formas, o aluno vai acompanhando e respondendo tudo que é pedido. A professora fez ele ler antes o livro e tentou fazer com que ele escrevesse, mas como não viu resultado mudou a atividade.

Quando todos terminam já está na hora do lanche, Gilberto e Fernando saem para lavar as mãos e só o Gustavo que fica na sala para terminar a atividade, sinto que ele ficou um pouco incomodado por ficar, mas termina a atividade e sai.

A monitora pergunta por que o Luis faltou e a professora Fernanda responde que quando sua mãe vai trabalhar não tem ninguém para trazer para a escola e por isso ele faltou.

Chega a hora do lanche e todos ficam tranquilos lanchando e quando acabam ficam livres pela sala brincando. No recreio o Saulo e o Gustavo brincam com outras crianças de bola e Fernando fica sozinho, perto das professoras e monitoras.

Logo após o intervalo todos da escola ficam sentados no pátio para ensaiar a música que será apresentada por todos no dia da festa da família. Quando voltaram tiveram o relaxamento e enquanto as crianças estavam deitadas as professoras escreveram sobre como foi o dia deles na agenda.

Nesse momento o Saulo levanta e olha o que o Gustavo está fazendo e as professoras comentam entre si que o ele gosta de imitar e faz isso com frequência principalmente com o Gustavo.

Todos saem para escovar os dentes, quando voltam o Gustavo comenta que é hora da informática. Na sala tem um computador que é de uma das professoras. Gustavo é o primeiro a jogar, ao perguntar para Saulo se ele quer se sentar, ele responde: - Não, obrigada, eu estou esperando minha vez. Depois acabou se sentando e ainda disse que aquele não o Gustavo não queria jogar aquele jogo. Após um tempo a professora pede que o Gustavo deixe o Saulo jogar e eles trocam de lugar. O Saulo, o Gustavo e o Fernando jogam até o horário da saída.

### **3ª observação**

Teve a entrada e a agenda como de costume. A professora do Gustavo faz um bolo usando alguns brinquedos e todos cantam “PARABÉNS” simulando, porque no outro dia terá o seu aniversário e será comemorado na escola. Fernanda fica sozinha com as crianças enquanto a Maria arruma a sala.

Fernando vê tintas na mesa e fica encantado. Na atividade ele pinta as frutas, escreve seus nomes e depois cria pequenas frases. Maria fala para o Fernando: \_Você pode pintar da maneira que quiser, a fruta é sua. Na próxima imagem que parece uma laranja, Maria pergunta para a criança que fruta é. Fernando responde que é laranja e logo depois responde que é limão. Maria então pergunta: - Qual é então? Laranja ou limão? Fernando responde que é uma laranja. Após terminar a atividade a professora deixa que ele faça desenho livre.

Saulo chega atrasado e quer fazer a mesma atividade do Fernando de pintar as frutas. Enquanto isso Maria fala pra Fernando: - Você fez toda a atividade, estou muito feliz, agora você vai fazer outra atividade. Samuel termina de pintar e diz que agora quer pintar a uva. Quando estava escrevendo a palavra maçã fala em voz alta: - Já escrevi o “c”.

Gustavo ri enquanto faz a atividade e a professora Fernanda diz para ele parar e pergunta o motivo que ele está rindo, a criança responde que está feliz e a educadora coloca que lá não é hora de ficar feliz e depois de me olhar e eu a olho com cara de assustada, ela apenas corrigi que aquele não é momento pra ficar feliz. Como a criança continua a professora escreve um bilhete e pede pra que ele leia dizendo que por rir ele estava sem recreio. Gabriela chega atrasada e comenta sobre o bilhete no quadro e

também ri, a professora pede que ela para e diz que vai escrever no quadro um bilhete para ela. Com medo a criança fala que não quer ficar sem recreio, mas não se acalma com as tentativas da professora de escrever no quadro e ela tenta apagar, começa a gritar, bater na professora Fernanda. Chega a hora do lanche e Fernando fica mais agitado com o barulho da Gabriela, a professora Maria tira-o de sala para lanchar. Quando o Fernando volta para a sala antes do recreio, ele grita e corre por toda a sala. Na hora do lanche a professora Fernanda fala com o Gustavo e o Saulo de como aquela atitude era feia, que ninguém podia fazer e que eles estavam de “PARABÉNS”, mas não citava o nome da Gabriela. O Gustavo acaba indo para o recreio e a Gabriela fica na sala fazendo atividade e se acalmado, mas foi muito tempo de gritaria, ela batendo na professora e se alterando.

No recreio como de costume o Fernando fica perto da monitora e da professora, enquanto o Saulo brinca com as outras crianças. Quando termina o intervalo eles fazem mais atividade e depois ficam brincando até a hora da saída.

#### **4ª observação**

Esse dia era o aniversário do Gustavo e a festa seria na sala. Enquanto a mãe dele não chegava com as coisas, eles vão para a biblioteca assistir a um filme sobre animais. Luis não quer ir e Fernanda pega umas fitas cassetes na biblioteca porque sabe que ele vai reconhecer as fitas e com isso acabará indo para lá. O aluno acaba indo tranquilamente para a biblioteca e senta perto das fitas.

Quando chegam ao local para assistir ao filme, a professora Maria pergunta se eles querem sentar na cadeira ou no chão. Saulo responde que quer sentar na cadeira. Durante a exibição do filme, Saulo fala o nome de todos os animais que aparecem.

Saulo pergunta pelo Gustavo e as professoras respondem que ele chegará daqui a pouco. Luis levanta e atrapalha os meninos a assistirem. Saulo grita do seu lugar: - Sai da frente. As professoras corrigindo falando que deve se falar é: - Licença. Quando Luis senta de novo, Saulo agradece.

Fernando fala: - Tem que esperar acabar. A professora Fernanda confirma. Ele sabia que só poderia levantar e sai quando terminasse. A professora Fernanda fica como sapo e fala para o Saulo: - Olha como faz o sapo, Saulo. A criança responde que não quer. Então professora diz: - ah, Fernando e você? Fernando abaixa e imita o sapo junto com a professora.

Gustavo e a Gabriela chegam. Saulo e Gustavo falam os nomes dos animais.



Quando o filme termina, todos voltam para a sala, tudo está ornamentado para o aniversário do Gustavo, as crianças da outra “Classe Especial” e a turma do 1º ano onde os meninos fazem vivências vão para o aniversário também.

Fernando me pega pelo braço, me mostra a agenda com a rotina. Percebo que a rotina que está colocada não é dessa turma. Então tiro as fichas e deixo escondida, com isso ele fica tranquilo. Foi uma festa, todos cantam “parabéns”, Gustavo coloca as mãos no ouvido, apesar de terem conversado antes e terem ensaiado o barulho das palmas o incomoda. Fernando é o único que não come nada.

Na hora do recreio o Saulo e o Gustavo brincam como de costume. Fernando fica com a monitora. É nesse momento que chega a psicopedagoga do Saulo para conversar com a professora Maria e para observar um pouco a turma. Após o recreio tem o momento do relaxamento e logo depois da escovação.

A professora Maria propõe uma atividade sobre o aniversário do Gustavo. Saulo anda pela sala dizendo que não vai fazer e que vai rasgar a folha. Maria conversa com ele e se senta junto a Fernando para fazerem a atividade. Saulo começa a fazer enquanto o Fernando não quer fazer, apenas chora, rabisca e tenta rasgar a folha. A atividade era de cortar as velinhas com a quantidade a idade do Gustavo e depois pintar o bolo. Maria tenta de formas fazer com que o Fernando faça a atividade, mas ele apenas chora e amassa a folha. A psicopedagoga do Saulo se despede e vai embora, após algum tempo de observação.

Fernando continua resistente diante da atividade rabisca todo o bolo e sai da sala chorando. Ao voltar, a professora faz com que ele sem muita vontade faça a atividade e depois lhe oferece seu suco. Fernando pega e começa a comer todo o bolo que havia levado. Por estar incomodado com o barulho e com outras pessoas na sala, acredito que o ele não quis comer, mas na hora da atividade estava com fome e não conseguia expressar isso. Após ter comido ficou tranquilo e rapidamente sua mãe chega para busca-lo.

## **5ª observação**

A rotina como de costume. Nesse dia estava presente o Luis, o Fernando e o Gustavo. A atividade era com pintura. A Gabriela chega atrasada e fala que quer pintar também. Misturando o rosa com o branco para virar um rosa claro. Todos pintam primeiro um desenho pronto com barbante e depois o desenho seria livre em alguns tecidos que as professoras haviam levado, mas os meninos não queriam desenhar e uma

das professoras fez os desenhos e eles pintaram. Saulo chega bem atrasado e começa a pintar, mas chega a hora do passeio e a professora Maria perguntar se ele quer ir ou se ele quer ficar pintando. A criança escolher ir passear. Todos de mãos dadas vão fazer um passeio, o Fernando quer ir à parte comercial e olhar as roupas, mas o Luis não gosta de ficar caminhando e a professoras decidem ir perto de uma loja e depois voltar. O Luis não quer ir adiante e depois do Fernando olhar a loja, elas decidem voltar.

Como demoramos a ir ao passeio e para voltar, chegamos tarde para o lanche e quando toca a música para o recreio o Saulo fica lanchando. Cada criança tem um jogo americano para colocar na mesa e lanche e nesse dia não encontraram do Saulo. A criança fica muito chateada com a situação, por ser o único sem, procura por toda a sala e comenta sobre esse cara mal ter feito isso com ele. O porquê de terem pegado algo de outra pessoa. Os meninos ficam brincando sozinhos e quando o Saulo sai já acaba o recreio. No momento do relaxamento ele quase chora por não ter ido ao intervalo, fica muito triste. A professora conversa com ele e tenta explicar que temos que lanche e que isso acontece. Então a criança levanta a blusa e diz que quer tirar a barriga e toda a comida que está lá dentro. As outras crianças continuam no relaxamento em silêncio e depois Saulo fala que quer ir ao médico para tirar isso que ele está sentindo, que ele não sentir isso não. A professora explica que o recreio não vai voltar, mas que terão outros, que no outro dia eles vão ter uma festa de aniversário de uma das crianças. Na tentativa de mudar o foco leva as crianças para escovar os dentes. Quando voltam a assunto já havia encerrado e o Fernando e o Saulo continuam a pintar, o Gustavo e a Gabriela fazem outra atividade de recortar. Até a chegada dos pais, que ficam encantados com as pinturas dos meninos.